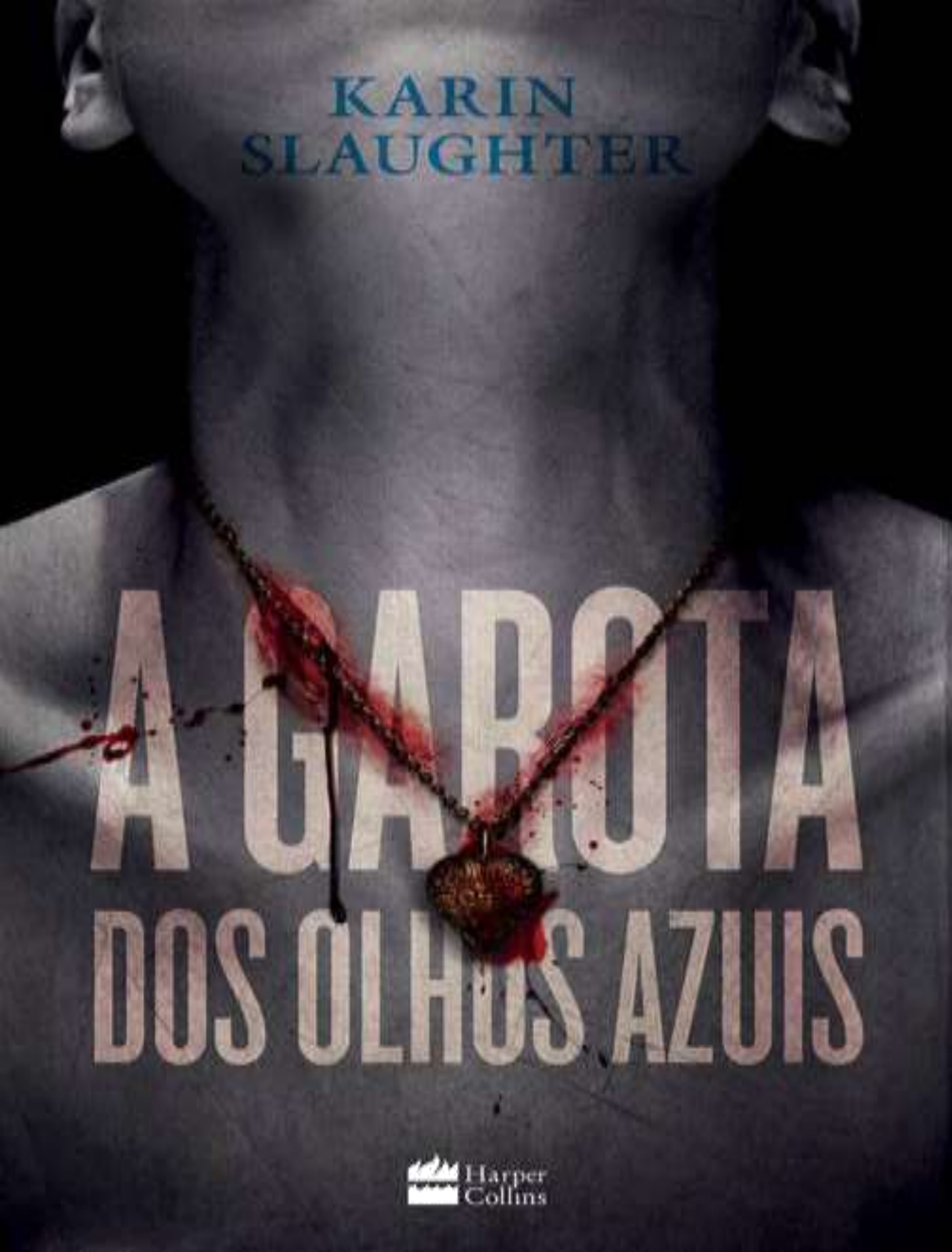
KARIN
SLAUGHTER



A GAROTA DOS OLHOS AZUIS

Harper Collins

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A GAROTA DOS OLHOS AZUIS

Karin Slaughter

A GAROTA DOS OLHOS AZUIS

Um conto

Tradução
Carolina Caires Coelho

HarperCollins*Brasil*
Rio de Janeiro, 2016

Título original: Blond hair, blue eyes

Copyright © Karin Slaughter 2015

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.
Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens e incidentes nele retratados são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, eventos ou locais é uma coincidência.

Contatos:
Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso — 21042-235
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/831

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S641g
Slaughter, Karin, 1971-
A garota dos olhos azuis [recurso eletrônico] / Karin Slaughter ; tradução Carolina Caires Coelho. – 1. ed. – Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2016.
recurso digital

Tradução de: Blond hair, blue eyes
Formato: ebook
Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788569809616 (recurso eletrônico)

1. Conto americano. 2. Livros eletrônicos. I. Coelho, Carolina Caires. II.

Título.

16-30220

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

Segunda-feira, 4 de março de 1991: 7h26 – Rua North Lumpkin, Athens, Geórgia 10h42 – Lipscomb Hall, Universidade da Geórgia, Athens 13h20 — Tate Student Center, Universidade da Geórgia, Athens
16h20 – Na frente do Centro Estudantil Tate, Universidade da Geórgia, Athens
21h46 – Manhattan Café, centro de Athens, Georgia

Sobre a autora

Segunda-feira, 4 de março de 1991
7h26 – Rua North Lumpkin, Athens, Geórgia

A BRUMA MATINAL TOMAVA AS ruas do centro, formando pequenos e confusos desenhos nos sacos de dormir que se estendiam pela calçada na frente do Georgia Theater. As portas só seriam abertas dali a pelo menos 12 horas, mas os fanáticos pelo Phish estavam determinados a conseguir assentos na primeira fileira. Dois jovens grandes ocupavam as cadeiras de plástico na frente da porta de entrada, fechada com correntes. Aos pés deles, havia latas de cerveja, bitucas de cigarro e um saco vazio de sanduíche, dentro do qual provavelmente havia uma grande quantidade de erva.

Eles acompanharam Julia Carroll, que descia a rua, com os olhos. Ela sentia os olhares voltados para seu corpo, grudados como a névoa. Ela se esforçou para continuar olhando para a frente, com as costas retas, mas se perguntou se parecia fria e distante e, então, se questionou com certa irritação por que se importava com a impressão que passava para aqueles garotos totalmente desconhecidos.

Ela não costumava ser paranoica assim.

Athens era uma cidade universitária, onde se situava a Universidade da Geórgia, que ocupava quase 325 hectares de terra e empregava quase metade dos habitantes. Julia havia crescido ali. Era aluna de jornalismo, repórter do jornal do campus. Seu pai era professor do curso de veterinária. Aos 19 anos, ela sabia que o álcool e as circunstâncias podiam transformar garotos de boa aparência no tipo de pessoa que não se quer encontrar às 7:30 da manhã de uma segunda-feira.

Ou talvez ela estivesse sendo boba. Talvez fosse como na ocasião em que estava caminhando tarde da noite na frente da Faculdade Antiga e ouviu passos atrás de si. Viu uma sombra grande se aproximando com toda velocidade, sentiu o coração acelerar e quis correr, mas, então, o homem assustador chamou seu nome e era só Ezekiel Mann, da aula de biologia.

Ele conversou com ela sobre o carro novo de seu irmão e então começou a citar Monty Python, e como Julia havia apertado tanto o passo, ambos estavam trotando quando chegaram ao alojamento dela. Ezekiel empurrou a porta de vidro com a mão e ela entrou no prédio.

— Vou te ligar! — ele quase gritou.

Ela sorriu para ele e pensou, ao caminhar em direção às escadas: Ah, Deus, por favor, não permita que eu o magoe.

Julia era linda. Sabia disso desde a infância, mas em vez de aceitar esse presente, sempre o viu como um fardo. As pessoas faziam suposições a respeito de garotas bonitas. Elas eram as vacas frias e vingativas que sempre recebiam o que mereciam nos filmes de John Hughes. Elas eram os troféus que nenhum garoto da escola ousava reivindicar. Todo mundo entendia a timidez dela como indiferença. Que essas suposições a tinham tornado uma virgem quase sem amigos no alto de seus 19 anos era um fato desconhecido por todos, exceto por suas duas irmãs mais novas.

A faculdade deveria ser diferente. Seu alojamento ficava a menos de quinhentos metros da casa de sua família, mas aquela era a chance que Julia tinha de se reinventar, de ser a pessoa que sempre quisera ser: forte, confiante, feliz, satisfeita (não virgem). Ela controlava a tendência natural de permanecer em seu quarto enquanto o mundo passava do lado de fora. Ela entrou para o grupo de tênis, de corrida e para o de vida selvagem. Ela não escolhia grupinhos. Conversava com todo mundo. Ela sorria para estranhos. Ela saía com garotos que eram meigos, mas não muito interessantes, e cujos beijos desesperados faziam com que ela se lembrasse de uma enguia mergulhando da margem de um lago de trutas.

Mas, então, Beatrice Oliver aconteceu.

Julia havia acompanhado a história da garota no telex no Red & Black, o jornal do campus da universidade. Dezenove anos, assim como Julia. Cabelos loiros e olhos azuis, como os de Julia. Estudante universitária, assim como Julia.

Linda.

Cinco semanas atrás, Beatrice Oliver havia deixado a casa de seus pais perto das dez da noite. Estava a pé, andando até a loja para comprar sorvete para seu pai, que estava com dor de dente. Julia não sabia por que aquela parte da história chamava sua atenção. Parecia suspeito — por que alguém desejaria tomar algo gelado com um dente doendo? —, mas foi o que os pais de Beatrice disseram à polícia, então esse detalhe estava na história.

E a história estava no telex porque Beatrice Oliver não voltou para casa.

Julia estava obcecada com o desaparecimento da garota. Dizia a si mesma que era porque queria cobrir a história para o Red & Black, mas a verdade era que ela estava morta de medo por saber que alguém — não qualquer pessoa, mas uma garota de sua idade — podia sair de casa e nunca mais voltar. Julia queria saber os detalhes. Queria conversar com os pais da garota. Queria entrevistar os amigos de Beatrice Oliver, ou uma prima, ou um vizinho, ou colega de trabalho, ou um namorado, ou alguém que pudesse lhe dar uma explicação que não fosse que uma garota de 19 anos com a vida toda pela frente havia simplesmente desaparecido sem deixar rastros.

"Estamos lidando com um caso de possível sequestro", dizia a citação do detetive na primeira entrevista. Todos os pertences de Beatrice foram encontrados, incluindo a bolsa, o dinheiro que mantinha na gaveta de meias e seu carro, que ainda estava estacionado em frente à casa da família.

A afirmação mais aterrorizante veio da mãe de Beatrice Oliver: "O único motivo pelo

qual minha filha não voltou para casa é porque alguém a está mantendo em cativeiro.” Em cativeiro.

Julia estremeceu ao imaginar-se sendo mantida em cativeiro por alguém — longe da família, da vida, da liberdade. Nos livros infantis, o bicho-papão era sempre assustador, misterioso e monstruoso, um lobo em pele de cordeiro, mas claramente (se fosse observado com cuidado) continuava sendo um lobo. Ela sabia que a vida real não era como nos contos de fadas. Não era possível ver um bigode e uma barbicha de mentira que indicavam que o lobo era um vilão.

Independentemente de quem estivesse com Beatrice Oliver, um amigo, um colega de trabalho, um vizinho, um namorado ou outro, Julia queria entrevistar a pessoa cara a cara. Sozinha. Só com um bloco de anotações e uma caneta. Queria falar com o homem que poderia, naquele momento, estar com Beatrice Oliver em algum lugar terrível.

Julia levou a mão à barriga para acalmar o nervosismo. Olhou para trás, para a direita e para a esquerda, com os olhos tensos.

Tentou racionalizar parte de sua ansiedade. Era possível que estivesse exagerando. As entrevistas para o caso Beatrice Oliver podiam nem acontecer. Antes que Julia conversasse com alguém, precisava que a matéria fosse aprovada, porque um jornalista investigativo poderia fazer perguntas, mas um redator (a seção de Julia) estaria sendo apenas intrometido. Seu maior obstáculo seria Greg Gianakos, o editor-chefe, estudante da universidade que acreditava ser a próxima estrela do jornalismo e que fazia Julia se lembrar do que seu pai dizia sobre os beagles: “Eles adoram ouvir o som do próprio latido.”

Se conseguisse colocar Greg na parada, então Lionel Vance, o capacho em miniatura de Greg, os seguiria (apesar de estar emburrado por ela ter se recusado a sair com ele). O problema final seria o sr. Hannah, o conselheiro-adjunto, que era muito gentil, mas que preferia que as reuniões de pauta se desenrolassem com bastante emoção.

Julia ensaiou o discurso em voz baixa quando entrou na próxima rua vazia.

Beatrice Oliver, uma garota de 19 anos que vive com seus pais...

Não, eles estariam roncando antes que ela terminasse a frase.

Uma garota desaparecida!

Não. Muitas garotas desapareciam. Normalmente apareciam alguns dias depois.

Uma garota estava indo à loja no fim da noite quando, de repente...

Julia se virou.

Ouviu um som atrás de si. Um som de arranhão, como sapatos se arrastando na rua. Ela observou a área de novo, prestando atenção a estilhaços de vidro e a garrafas velhas de cerveja, além de jornais descartados, mas não havia nada. Pelo menos, nada com que ela devesse se preocupar.

Lenta e cuidadosamente, ela voltou a andar, ainda conferindo portas e vielas, e atravessou a rua para que não tivesse que passar por um monte de lixo.

Paranoica.

Os repórteres supostamente tinham de analisar os acontecimentos com um olhar frio,

mas desde que lera sobre Beatrice Oliver, os sonhos de Julia vinham sendo tomados por detalhes que não vinham só dos fatos, mas de sua imaginação fértil. Beatrice estava descendo a rua. Estava escuro. A lua se escondia atrás das nuvens. Havia uma frieza no ar. Ela viu o brilho da ponta de um cigarro acesso, ouviu o pisar suave de sapatos no asfalto e então sentiu o cheiro de uma mão manchada de nicotina cobrindo sua boca. Sentiu a faca afiada em seu pescoço, sentiu o cheiro ácido de um estranho ameaçador que a levou em direção ao carro dele e a trancou no porta-malas, dirigindo em seguida para algum lugar escuro e úmido onde pudesse prendê-la.

Se a mãe de Julia não fosse bibliotecária, provavelmente colocaria a culpa da imaginação sombria da jovem nos livros que ela estava lendo. Testemunha de um assassino. Manson, retrato de um crime repugnante. O Silêncio dos inocentes. A Hora das bruxas. Mas sua mãe era bibliotecária, então, provavelmente, daria de ombros e pediria à filha mais velha que não lesse histórias que a assustassem.

Ou será que sentir medo dessas coisas, dar voz a seus medos terríveis, imunizava Julia do perigo?

Ela secou o suor da testa. O coração batia tão forte que ela conseguia sentir o palpitar através de sua camiseta contra a pele. Enfiou a mão na bolsa. O walkman estava aninhado dentro do cachecol amarelo que ela havia prometido à irmã que deixaria em casa. Encostou o dedo no botão play, mas não o apertou. Só queria sentir a fita cassete do lado de dentro, evocar a caligrafia do garoto que a havia gravado para ela.

Robin Clark.

Julia o havia conhecido dois meses antes. Bilhetes foram trocados, assim como telefonemas, páginas, alguns encontros em grupo onde eles se entreolhavam e suas mãos se tocavam, e, então, eles finalmente ficaram sozinhos, e ele a beijara por tanto tempo e tão bem que a cabeça dela quase explodiu. Ela o havia levado para casa uma vez, não para conhecer seus pais, mas para buscar suas roupas lavadas. Sua irmã mais nova riu do fato de Robin ser um nome de menina, e Julia lhe deu um soco no braço dela para fazer com que parasse (pela primeira vez, a pestinha não continuou).

A fita tinha músicas que Robin achava que Julia fosse gostar, não músicas que ele queria que ela gostasse. Então, em vez de Styx, Chicago e Metallica, havia Belinda Carlisle, Wilson Phillips, um pouco de Beatles, James Taylor, e muitas músicas da Madonna, porque Robin adorava Madonna tanto quanto Julia.

A fita foi a primeira vez na vida em que um garoto a havia visto por quem ela era e não por quem ele queria que ela fosse. Julia havia passado muitos anos fingindo gostar de solos de bateria e guitarras estridentes, além de cópias piratas de artistas tragicamente mortos antes de poderem mostrar ao mundo (e não só ao garoto que havia feito a fita) como eram bacanas.

Robin não queria que Julia fingisse. Ele queria que ela fosse ela mesma, e sua professora de estudos femininos provavelmente teria um ataque do coração ao saber que Julia, finalmente, queria ser quem era — mas só porque ela havia encontrado um garoto que também queria isso.

— Robin — Julia sussurrou no ar frio da manhã, porque ela adorava a sensação do nome dele em sua boca. — Robin.

Ele tinha 22 anos, era alto e esbelto, com bíceps atléticos por levantar bandejas de pão pesadas na padaria de seu pai. Tinha cabelos despenteados e castanhos, quase pretos, como os de Jon Bon Jovi, e olhos azuis como um husky siberiano — e ao olhar para Julia, ela sentiu uma forte agitação em um ponto que ela nem sabia nomear.

Houvera alguns rapazes antes de Robin. Eles normalmente eram mais velhos como ele (mas nunca tão maduros), o tipo de garoto que não se sentia muito intimidado com a aparência de Julia, porque tinha carro e dinheiro no bolso. O pai havia alertado Julia, dizendo que esses garotos só queriam uma coisa. O que ele não compreendia era que Julia também queria aquela única coisa.

Amassos. Era o mais longe que ela tinha ido, a menos que houvesse outro nome para aquele tipo de agarramentos. Brent Lockwood tinha 16 anos (quase 17), e Julia tinha 15 (quase 14). Ele havia pedido ao pai da adolescente para sair com ela, e o pai mandou que ele cortasse os cabelos, conseguisse um emprego e voltasse para que conversassem.

O fato de Brent ter voltado alguns dias depois com um corte de cabelo tipo militar e um uniforme do McDonald's foi algo que surpreendeu o pai, animou a mãe e fez com que suas irmãs rissem muito. Julia se sentiu afrontada. O melhor de Brent eram os cabelos. Dali em diante, o fedor de carne grelhada grudou em seu couro cabeludo raspado. Julia era vegetariana. Ficar perto de Brent era uma desprezível e nada engraçada variação do experimento de Pavlov.

E, ainda assim, ela tentou (no banco de trás do carro dele; no sofá da sala de estar), porque Brent era bonito e todo mundo sabia que ele já havia ficado com muitas garotas, e aquela era a chance de Julia acabar com aquilo. Ela queria desesperadamente ser a garota sofisticada que todo mundo acreditava que ela era: aquela que sabia como se comportar perto de um garoto, que tinha experiência, a descolada, a menina bonita que conseguia fazer um homem comer em sua mão.

Mas Brent se apaixonou por ela e quis ser delicado e ir devagar, o que, combinado com a pele gordurenta de fritura, foi dolorosamente entediante.

Robin Clark não era entediante, nem um pouco. Era muito cheiroso, tinha cheiro de pinheiro com um toque não desagradável de pão da padaria. A pele era lindamente bronzeada devido às caminhadas e ao ciclismo que praticava o ano todo. Olhava nos olhos de Julia quando ela falava com ele. Não tentava resolver seus problemas, só ouvia. Ria das piadas dela, mesmo das ruins (principalmente das ruins). Sabia ser sonhador também. Queria ser artista. Já era um artista (o emprego na padaria era temporário). Julia tinha visto alguns de seus trabalhos. O delicado contorno do pescoço de um veado curvado em direção à fonte na montanha. Os loucos tons vermelhos e laranjas de um nascer do sol. Sua mão repousava delicadamente na curva do quadril de Julia.

Ele havia esboçado uma imagem em um guardanapo antes de tomar uma atitude. E mostrou a Julia enquanto tomavam chá no centro estudantil, dizendo que o desenho mostrava o que ele queria fazer. Os joelhos dela tremeram na hora de se levantar. As

palmas de suas mãos estavam suadas. Ela estava tão ansiosa, que quando ele pôs a mão em sua cintura, os dedos dele pareciam eletrificados contra a pele dela.

— Vou beijar você — sussurrou ele no ouvido dela um pouco antes de beijá-la.

Julia afastou a mão do walkman. A van do abrigo para moradores de rua onde ela trabalhava como voluntária estava estacionada no cruzamento da Hull com a Washington, uma região da cidade que, por motivos desconhecidos, era chamada de Canto Quente. As pessoas já formavam fila para o café da manhã. Havia pelo menos trinta delas, a maioria homens, algumas mulheres. Eles se arrastavam conforme a fila avançava, com as cabeças baixas, mãos nos bolsos. Tudo em sua expressão corporal indicava que eles detestavam aceitar caridade, mas precisavam dela, por isso se resignavam a ficar de pé na fila tão cedo para que pudessem conseguir pelo menos uma refeição quente.

— Bom dia — disse Candice Bender. Ela entregava quentinhas de papel-alumínio com ovos mexidos, bacon, mingau e torrada. O café da grande garrafa térmica na frente das portas abertas da van era servido à vontade.

— Desculpem, estou atrasada. — Julia não estava atrasada, mas tinha o hábito nervoso de dar início a conversas desculpando-se por alguma coisa. Pegou um monte de cobertores da van e olhou a fila. Alguém estava faltando.

— Onde está Mona Sem Nome?

Candice deu de ombros.

Julia deu um passo para trás, para analisar a fila mais de perto. Seu medo aumentou muito quando ela conferiu cada rosto.

— Não está vendo? — perguntou Candice.

Julia balançou a cabeça. Ela já tinha feito isso tempo suficiente para saber que as pessoas desapareciam, mas não conseguiu controlar os pensamentos sinistros que tomaram sua mente.

Mona era jovem, alguns meses mais velha do que Julia. Em comparação com os outros, ela se cuidava melhor, tomava mais banhos, vestia roupas melhores, porque não gastava todo seu dinheiro com drogas. Ela tinha sido expulsa do sistema de abrigos em seu décimo oitavo aniversário e acabou fazendo as coisas que algumas garotas precisam fazer para sobreviver. Quando Julia perguntou seu sobrenome, Mona declarou de modo desafiador:

— Eu não tenho nome, sua vaca.

— Então, vai ser Mona Sem Nome — dissera Julia, porque estava de mau humor e com uma ressaca leve depois de uma noite de petiscos e bebidas.

Para sua vergonha, o apelido pegou.

— Mona não esteve aqui na noite passada — disse uma das mulheres, enquanto batia o cobertor.

Julia perguntou:

— Quando a viu pela última vez?

— Como vou saber?

Elas não cuidavam umas das outras, as mulheres. Havia competição. Havia fofoca. A

cena social deles fazia com que Julia se lembrasse do ensino médio, porque existiam os mesmos papéis: a vadia, a queridinha da professora, a boazinha, a malvada e a nerd. Mona era a malvada, porque era bonita — ainda tinha todos os dentes, usava maquiagem, não parecia sem-teto. Delilah era a vadia, porque era mais velha e mais experiente. E também porque era prostituta mesmo.

No momento, havia um total de oito mulheres no grupo e, diferentemente do que acontecia com Beatrice Oliver, que tinha sido sequestrada quando saiu para comprar sorvete para o pai, Julia sabia que as coisas sombrias que sua mente criava em relação às vidas das mulheres sem-teto tinham grandes chances de estarem corretas. Prostituição. Drogas. Fome. Doença. Medo. Solidão, porque, Julia havia descoberto, a maioria dos sem-teto era muito, total e dolorosamente solitária.

— Vi Mona ir para a mata — disse Delilah. — Umas dez ou onze, ontem à noite, um pouco antes da chuva.

Julia assentiu para mostrar que tinha ouvido.

Delilah era assustadora, porque era imprevisível; era dada a gritar, chorar, resmungar sem parar ou rir tão alto a ponto de fazer ouvidos zumbirem. Ela era viciada e estava nas ruas há mais tempo do que Julia vinha sendo voluntária no abrigo. Delilah mantinha fotos de seus filhos grandes no bolso e levava um kit de seringas que usava só em si. Nos últimos quatro anos, Julia havia se formado no ensino médio, entrado na faculdade, terminado o primeiro ano com honras e sido promovida a editora da seção de variedades do Red & Black.

Ao mesmo tempo, Delilah tinha sido enrolada muitas vezes, que era como os desabrigados diziam quando eram roubados. Ela havia perdido todos os dentes da frente em uma briga, estava perdendo cabelos por má nutrição, e lesões marrons e roxas apareceram em sua pele.

AIDS, Julia pensou, mas ninguém dizia a palavra em voz alta, porque AIDS era uma sentença de morte.

— Tem um grupo de pessoas morando na mata — disse Candice a Julia. — Fui lá ontem para ver se eles precisavam de ajuda, mas parece que eles estão vivendo na rua porque acham divertido, não por estarem em situação deplorável.

Julia entregou um cobertor a um homem que usava farda militar. Em seu boné preto, estava escrito “Desaparecido no Vietnã. Nunca será esquecido”. Ela perguntou a Candice:

— Escolheram? Como se fosse um acampamento? — Robin estava acampando com sua família naquela semana. Julia não tinha sido convidada, mas só porque seria estranho dormir com a família toda. — Mona não me parece ser o tipo de pessoa que gosta de acampar.

— O delegado está dizendo que eles são uma seita. — Candice fez uma careta exagerada. Como a mãe de Julia, ela era uma ex-hippie com uma saudável desconfiança de autoridades. — Todos eles têm cerca de sua idade, talvez sejam um pouco mais velhos. Se me permite dizer, acho que são mais uma comunidade. Eles se vestem de modo parecido. Falam de modo parecido. Agem de modo parecido. Parecem um monte de gêmeos.

Julia se controlou para não tremer. Parecia um show de horrores.

— Por que Mona iria com eles?

— Por que não? — Candice tinha terminado de entregar as refeições e se virou para os cobertores. — O plano deles, se é que existe plano, é atravessar o Appalachian Trail até Mount Katahdin, disseram, mas parece que é uma desculpa para pararem de tomar banho e transarem como coelhos.

— Estou dentro! — gritou o cara do Vietnã.

— Onde eles estão acampados?

— Perto da Pedra dos Desejos.

Então não era perto de onde Robin e sua família acampariam naquela semana.

— O que você acha disso? — perguntou Candice. Ela era uma professora aposentada, ainda desesperada para mudar uma mente jovem. — Sair de casa, abandonar todos os seus bens mundanos, viver da terra. Consegue se imaginar fazendo isso?

Julia deu de ombros, apesar de ser muito mais fácil se imaginar andando na lua.

— São espíritos livres, certo? É meio romântico.

Candice sorriu. Aquela era, obviamente, a resposta certa.

Julia pegou um saco de lixo da caixa. Começou a recolher latas vazias e copos de café. Não fazia ideia por que não se importava em limpar a sujeira daquelas pessoas, já que recolher da escada uma única meia suja de uma de suas irmãs menores e preguiçosas fazia com que ela ficasse irada.

Ela havia começado a trabalhar como voluntária no abrigo logo depois de seu décimo quinto aniversário. Era verão. Ela estava entediada. Não havia livros que ela quisesse ler. Suas irmãs a estavam enlouquecendo. Estava cansada de ser babá. Estava cansada de ser responsável. Estava cansada de esperar para ser adulta.

— Vamos ver se você consegue fazer isso — dissera seu pai no carro a caminho do abrigo.

— O quê? — Julia voltou a si, porque não entendeu o que ele queria dizer com “isso”, não sabia que seu pai a estava levando para o lado ruim da cidade, onde ela teria de cuidar de pessoas malucas, desabrigadas e fedorentas.

O objetivo do abrigo era ser uma lição de vida, como quando seus pais faziam com que elas escolhessem um presente do Natal para doar para o orfanato, e não podiam ser meias nem roupas íntimas. Julia odiava lições de vida. Odiava ser forçada a fazer as coisas. Odiou ter sido enganada para entrar no carro com seu pai, que disse que veriam uma ninhada de cachorrinhos. Ela era teimosa (como a mãe, o pai dizia), e era do contra (como o pai, a mãe dizia), e tinha opinião para tudo (como seus pais, sua avó dizia), e era mandona (como a avó, suas irmãs diziam), e foram estes os únicos motivos pelos quais ela permaneceu no abrigo naqueles primeiros meses.

Vou mostrar para ele que consigo — Julia pensou no pai e começou a cozinhar, limpar e lavar roupas de um modo que encheu a mãe de amargura, a ponto de ela viver com os lábios contraídos.

— Julia lavou a louça? — A voz da mãe era estridente. — Julia Carroll, a garota mais velha que vive aqui nesta casa?

O que fazia com que Julia continuasse indo ao abrigo era difícil de explicar. Ela não gostava de lavar roupas imundas nem de esfregar vasos sanitários. E, ainda assim, duas ou três vezes na semana, ela se forçava a sair da cama às sete da manhã e caminhava até o beco ou até o abrigo na Prince Avenue para entregar comida e cobertores ou limpar a sujeira de viciados, loucos e outras almas perdidas.

Por causa de sua aparência, as pessoas costumavam querer

Julia. As pessoas que ela atendia no abrigo precisavam dela.

Candice perguntou:

— Pode terminar por mim, menina? Tenho uma reunião com o prefeito.

— Claro. — Julia jogou o saco de lixo dentro da van. Pegou algumas canetas e um monte de papel do assento da frente: formulários de pedidos de benefício para cadeirantes e veteranos e do seguro-saúde que precisavam ser preenchidos.

Durante as próximas horas, Julia cuidou da papelada e ligou para agências estaduais pelo telefone público e conversou com parte do grupo a respeito do que eles fariam da vida. Muitos dos amigos de Julia riam de seu trabalho como voluntária (eles achavam que os desabrigados eram preguiçosos), mas o que não entendiam era que as pessoas de modo geral acabavam vivendo nas ruas não por falha de caráter, mas por uma série de escolhas malfeitas — irritar o policial errado, andar com as pessoas erradas, largar a escola, o trabalho ou perder uma audiência, porque estavam cansados demais para se lembrar de colocar o alarme para tocar.

Julia não era psiquiatra, mas muitos deles claramente tinham problemas mentais, fosse paranoia leve, depressão ou alucinações graves.

— Reagan — dissera a mãe de Julia quando a menina chamou a atenção dela para o fenômeno. — O que ele pensou que aconteceria quando ele cortasse o auxílio federal aos hospitais psiquiátricos? Todos eles estão vivendo nas ruas ou em prisões.

Beatrice Oliver. A garota que saiu para comprar sorvete e nunca mais foi vista. Ela tinha tratado uma depressão, que era uma doença mental, de fato. Julia tinha lido isso no telex. A Associated Press havia enviado um repórter para conversar com os pais enquanto eles procuravam a filha (enquanto procuravam o corpo, mas ninguém disse isso), e a mãe havia admitido que Beatrice já tinha feito tratamento contra depressão.

Julia tinha se consultado com um psiquiatra no primeiro ano de faculdade. Ela não havia contado a ninguém, porque era embaraçoso admitir que viver longe da família não era tão fácil quanto ela pensou que seria. No fim da sessão, o psiquiatra chegou a bocejar, o que havia ajudado Julia mais do que o conselho genérico que ele tinha dado (para que ela entrasse num grupo/tentasse uma nova atividade/fizesse um novo penteado/sorrisse mais), porque mostrava que seus problemas eram comuns, que as crianças no campus que pareciam estar bem provavelmente estavam sofrendo as mesmas ansiedades entediantes.

Mas também fez com que ela parasse para pensar. Se Julia desaparecesse um dia ou se,

Deus a livrasse, ela fosse levada, um repórter descobriria que ela tinha conversado com um psiquiatra? E conversar com um psiquiatra indicaria algum tipo de problema mental?

— Ela foi levada! — A voz estridente de Delilah tirou Julia de seus devaneios. — Guarde minhas palavras, irmã.

Julia desviou o olhar da carta que estava escrevendo para a filha de Delilah. A garota nunca respondia, o que parecia decepcionar Julia mais do que Delilah.

— Ela foi levada — Delilah repetiu. — Mona Sem Nome. Foi levada por um homem.

— Ah. — Foi tudo o que Julia conseguiu pensar em dizer.

— Não assim — disse Delilah. — Ele a levou como... — Delilah resmungou, envolvendo Julia num abraço forte e ameaçador.

Julia soltou os braços como se o homem a estivesse agarrando.

— Ela está descendo a rua — disse Delilah. — Ela passa por um carro velho, e uma van preta para e a porta se abre, e um homem grande, branco, estica os braços e... — Ela fez o gesto de agarrar de novo.

Julia esfregou os braços para acalmar os calafrios. Viu a van preta, a porta se abrindo, o vulto de um garoto comum e simpático surgindo da escuridão. Os braços estavam expostos. Os dedos se transformaram em garras. A boca se contorcia em um rosnado que mostrava dentes afiados como canivete.

— Olha só, garota. — A voz de Delilah era um resmungo ameaçador. — Ela foi levada. Qualquer uma de nós pode ser levada. Qualquer uma de vocês.

Julia pousou a caneta. Olhou para os olhos amarelados de Delilah. Heroína. Era para isso que serviam as agulhas no kit de Delilah. Sarcoma de Kaposi. Era a explicação para as lesões de pele. Julia tinha escrito várias matérias a respeito do HIV e da AIDS para a Red & Black. Ela sabia que o câncer raro podia se espalhar para os órgãos, causando lesões no cérebro. Delilah não permanecia lúcida por muito tempo. Estaria tendo uma visão ou um delírio? Não parecia possível que alguém pudesse ser arrancado da rua no meio do centro da cidade.

Mas também não parecia possível que uma garota pudesse ser levada ao sair de casa para comprar sorvete para o pai.

Não só levada.

Mantida.

Ainda assim, Julia disse a Delilah:

— Mais cedo você disse ter visto Mona entrar na mata.

— A van estava com lama nos pneus. Grama e merda. Aposto minha teta direita que ele a levou para dentro da mata. — Ela se inclinou para a frente. Seu hálito fedia a dente podre e cigarros. — Os homens fazem coisas com as garotas, querida. Se tiverem um tempo com elas, fazem coisas que você nem imagina.

Julia sentiu os pelos de seu pescoço se arrepiarem.

— Ha! — Delilah riu, porque é o que sempre fazia quando tirava sarro de alguém. — Ha! — levou a mão à barriga. Nenhum som foi emitido, mas ela jogou a cabeça para trás como se estivesse achando tudo hilário. As gengivas vazias brilhavam à luz do sol.

Julia passou a mão na nuca, acalmando os pelos.

Beatrice Oliver. Mona Sem Nome. Elas viviam a menos de trinta quilômetros uma da outra. Eram bonitas. Eram loiras. Tinham praticamente a mesma idade. As duas estavam andando na rua, certa noite. Será que as duas tinham sido vistas por um homem mau que decidiu levá-las?

O mesmo homem mau? Dois homens maus diferentes? Será que os dois homens estavam em casa com suas famílias agora? Estavam fazendo café da manhã para seus filhos, ou fazendo a barba, ou se despedindo da esposa com um beijo, enquanto se animavam ao pensar no que fariam mais tarde às garotas que tinham sequestrado?

— Ei. — Delilah cutucou o braço de Julia. — Vai acabar isso? Tenho que ir a alguns lugares.

Julia pegou a caneta. Terminou a carta para a filha de Delilah, assinando, como sempre, com “com amor”, apesar de Delilah não pedir isso.

10h42 – Lipscomb Hall, Universidade da Geórgia, Athens

MENOS DE TRINTA MINUTOS depois de voltar ao seu quarto, no alojamento, Julia acordou com o bipe insistente de seu pager. Procurou sem olhar dentro da bolsa para acabar com o barulho irritante. Tocou o cachecol amarelo que deveria ter deixado em casa para sua irmã. Finalmente encontrou o botão e encerrou o bipe.

Ela rolou de costas. Olhou para o teto do quarto. Seu coração batia tão forte que ela o sentia na garganta. Julia pressionou os dedos na artéria carótida e contou cada batida até o ritmo voltar ao normal.

Ela tinha sonhado com Beatrice Oliver de novo, mas, dessa vez, em vez de observar Beatrice de longe, Julia se viu representando-a. Estava conversando com seu pai — o de Julia — a respeito da dor de dente e então se ofereceu para ir à loja comprar sorvete; e então a mãe de Julia lhe deu algum dinheiro, e Julia desceu a rua, mas em vez de representar Beatrice Oliver, de repente se tornou Mona Sem Nome, e estava escuro e o vento estava frio, e ela viu um carro antigo e, então, a mão suada de um homem cobriu sua boca e ela foi erguida do chão e arrastada para as entranhas escuras e ameaçadoras da porta aberta da van.

Julia levou a mão à boca, tentando imaginar como seria se fosse silenciada de repente. Passou os dedos pelos lábios, o toque ficou mais leve, e quando se deu conta, o homem suado e mau saiu de sua mente e ela começou a pensar em Robin. Seus lábios suaves pressionados contra os dela. A textura surpreendentemente áspera do rosto dele contra o pescoço dela. As mãos grandes e macias dele em seus seios, e a sensação que isso trazia, porque ele sabia como tocá-la. Ele não a estava agarrando nem segurando, nem montando nela como um cachorro de rua. Ele estava fazendo amor com ela.

Ele faria amor com ela. Julia decidiu naquele momento. Sua mãe, que parecia gostar de conversar franca e estranhamente a respeito de tudo, desde sexo até drogas, havia dito a Julia que não tinha problema nenhum em ter intimidade com quem ela quisesse; o importante era que fosse realmente sua vontade.

Julia queria fazer sexo com Robin Clark.

Não que precisasse da permissão da mãe.

Julia se virou para o lado. Nancy Griggs, sua colega de quarto, tinha ido para a aula de artesanato vinte minutos antes. Julia fingira estar dormindo. Elas tinham brigado feio no fim de semana porque Julia havia dado uma bronca em Nancy para que não ficasse até

tarde nos bares e para que tivesse o cuidado de que alguém de confiança a levasse de volta ao alojamento.

Nancy revirara os olhos, o que havia feito com que Julia ficasse estridente, o que nunca ajudava em situação alguma. Enquanto gritava com sua melhor amiga, Julia sabia estar parecendo sua mãe. Pela primeira vez na vida, não se importou. Beatrice Oliver provavelmente deveria ter ouvido algumas broncas sobre conferir o ambiente que a cercava, cuidando para não ser levada da rua por um depravado quando caminhasse até a loja tarde da noite para comprar sorvete para seu pai.

— Vá para o inferno — foi a resposta de Nancy. — Só porque você tem um namorado agora não quer dizer que você saiba alguma coisa.

Foi isso o que deixou Nancy bem brava. Julia nunca tinha se apaixonado antes (estava apaixonada?). Nunca tivera um namorado fixo (Robin era fixo). Na amizade de quase 15 anos, Nancy sempre foi aquela que namorava, que era carnal de todas as maneiras sobre as quais Julia só lia.

Julia se lembrou de um dos ditados de sua avó: sua corda de pular se transformou em uma corda de enforcar.

— Robin! — Julia se sentou na cama, com o coração acelerado, muita saliva na boca. Pegou o pager da bolsa. Talvez fosse Robin. Talvez ele estivesse ao lado de um telefone público na mata naquele momento esperando a ligação dela. Ela pressionou o botão para fazer o número rolar. Julia quis jogar o pager na parede. Não era Robin, mas provavelmente uma de suas irmãs idiotas, que deixaram a mensagem 50135, que, de cabeça para baixo, poderia ser lido como SEIOS.

— Muito engraçado — murmurou Julia, pensando que, àquela hora do dia, só podia ser a irmã do meio, Pimenta, porque sua irmã mais nova e estudiosa nunca perderia a aula.

Sentou-se na cama com as pernas para fora, deixando os pés tocarem o chão. Olhou para o lado bagunçado de Nancy no quarto. Elas tinham comprado juntas os jogos de lençóis na Sears, e escolhido as cortinas e os vários pôsteres que decoravam o quarto com o dinheiro que tinham economizado trabalhando como babás. Julia se lembrava de como elas tinham se sentido adultas — estavam sozinhas! Gastando o dinheiro conquistado com muito suor! Cuidando de si mesmas como adultas de verdade! — e então, Julia havia voltado para casa para comer comida chinesa paga por seus pais e para lavar as roupas que eles tinham comprado na máquina que era deles, e sentiu medo, porque não tinha a real capacidade de se sustentar.

Julia deu dois passos e se sentou à mesa. Olhou para a folha do caderno onde havia começado a escrever uma carta de amor para Robin. Citou uma frase de uma música da Madonna a respeito de beijar em Paris e ficar de mãos dadas em Roma.

Deveria fazer sexo com ele, mesmo? Robin era o cara certo? Nessa época, ano passado, Julia teria entregado sua virgindade a qualquer um. Por que de repente tudo tinha se tornado tão especial?

Ela usou o lápis para escrever a letra da música.

Kiss you in Paris...

Agora provavelmente não era o melhor momento para uma carta de amor, principalmente porque Robin só voltaria no fim da semana. Ela não seria uma daquelas meninas bobinhas que largavam a vida por um garoto. Ela deveria estar estudando para sua importante prova final de psicologia. Deveria reler seu trabalho sobre Spenser para a aula do meio-dia com o professor Edwards. Deveria estar aperfeiçoando seu texto para o Red & Black, porque cinco semanas já tinham se passado desde que Beatrice Oliver tinha sido sequestrada e ela teria dificuldade para convencer Greg, Lionel e o sr. Hannah de que a história ainda era notícia.

Bateu o lápis contra os lábios. Encarou as Polaroides presas à parede à sua frente: Nancy atirando num passarinho; suas irmãs tentando dar estrelinhas no parque; os pais dançando numa festa (música lenta, mas parecia romântico, e não esquisito); uma foto da tartaruga de estimação, Herschel Walker (um presente de Dia das Mães não muito valorizado), tomando sol na varanda.

Uma bela jovem descia a rua quando, de repente...

Julia se sentiu abalada por uma ideia. Beatrice Oliver também era virgem? A pessoa que a levou (e que a mantinha) seria a primeira pessoa com quem ela faria sexo?

Seria a última pessoa também?

— Cala a boca! — uma garota gritou no corredor. Seu sotaque sulista do Alabama foi abafado pela porta de madeira fechada. Ela parecia estar provocando alguém, e Julia sentiu um desgosto instantâneo, quase visceral, sem nem sequer pousar os olhos nela. — Não, você fez isso, idiota.

Julia se sobressaltou quando a porta balançou. Alguém batia com o punho cerrado.

– Oi? – Alabama chamou.

O alojamento não era misto. Julia não se deu o trabalho de pegar o roupão, apesar de estar só de camiseta e calcinha. Arrependeu-se da omissão quando notou que nunca tinha visto a garota na vida.

Isso não impediu a desconhecida de entrar no quarto.

— Que bagunça. Você vai precisar de uma empregada. — Alabama olhou embaixo da cama de Nancy e checou o espaço ao lado da mesa. Em seguida, foi ao closet.

— Desculpa – disse Julia. – Conheço você?

— Sou amiga de Nancy. — A garota abriu o armário de Nancy. — Ela disse que eu poderia pegar emprestado o... aqui está. — Pegou uma bolsa de couro, desfazendo uma pilha de sapatos. Quando se virou, olhou para Julia de cima a baixo e lentamente. — Belas meias.

Ela saiu, deixando um ar amargo de desaprovação.

Julia olhou para as meias. Eram cinzas e pretas com cachorrinhos marrons bordados. Sentiu vontade de correr até o hall e perguntar à garota qual era o problema com as meias dela, mas sabia que não era sobre as meias, era sobre como a garota tinha conseguido colocar Julia em seu lugar.

Julia compreendia esses jogos, mas não sabia como jogá-los.

Olhou o relógio. Sua aula sobre Spenser só começava ao meio-dia. Ainda precisava deixar o cachecol amarelo para a irmã. Também havia algumas impressões que sua mãe havia prometido deixar na mesa da cozinha. O sol brilhava. O clima estava ameno. Talvez um passeio de bicicleta afastasse alguns dos demônios de sua mente.

Julia vestiu a calça jeans, vestiu um suéter sobre a camiseta, pegou a bolsa e encheu a sacola de livros. Já tinha trancado a porta quando percebeu que deveria ter escovado os dentes e passado um pente nos cabelos, mas podia fazer isso quando chegasse em casa. Queria dizer à casa de seus pais, claro, porque a casa na Boulevard teoricamente não era mais onde ela vivia.

Do lado de fora do alojamento, ela teve dificuldades para abrir o cadeado da bicicleta, raspando a chave em uma camada de ferrugem. A bruma matinal já havia se dissipado por completo quando ela passou de bicicleta pelo arco de ferro preto que marcava a entrada do North Campus. Ela provavelmente deveria ter trazido a jaqueta, mas ficaria bem se ficasse no sol. Passou pelos estudantes reunidos no centro da Broad Street. O humor deles parecia tranquilo. O clima estava preso entre o inverno e a primavera, e qualquer dia com promessa de sol era um dia a ser comemorado.

O alojamento de Julia ficava a menos de quinze minutos da casa, mas sempre parecia que o trajeto demorava mais na ida do que na volta. Dobrar a esquina das ruas ladeadas de árvores de sua infância sempre trazia uma sensação de nostalgia. Julia se levantou do selim ao descer a Boulevard. Aquelas propriedades vitorianas e casas de rancho eram tão familiares para ela quanto a palma de sua mão. Na região, a população era mais formada por professores, mas sua mãe dizia que alguns dos mais antigos moradores estavam ali desde que Jesus perdeu as sandálias.

Ela acenou para a sra. Carter, que ainda mantinha a mangueira à mão para o caso de uma criança tentar atravessar seu quintal. Ela cruzou para o outro lado da rua, para evitar encontrar o barulhento cachorro dos Barton que, não importa quantas vezes quase tenha se estrangulado, esquecia-se totalmente de que estava acorrentado a uma árvore sempre que uma pessoa passava.

Ela entrou na rua da casa vitoriana amarela de seus pais. A bicicleta de Pimenta estava encostada na varanda da frente, o que não significava nada, porque a irmã do meio de Julia tinha dezesseis anos e tinha muitos amigos que podiam levá-la para a escola. A bicicleta cor-de-rosa de sua irmã menor não estava lá, pois a perfeita Docinho estava sempre onde sua mãe e seu pai queriam que estivesse.

Docinho. A irmã mais nova de Julia não tinha nada de doce, nem no gosto nem na aparência (estava mais para vareta). O apelido surgira porque ela se recusava a comer qualquer coisa diferente de doces, no verão em que completou oito anos. Era uma lembrança querida da família (como Pimenta ser chamada assim porque a vovó disse que ela tinha “o diabo e pimenta nos cabelos”), mas Julia ficou presa o ano todo abrindo um pacote de doces sempre que a pestinha gritava pedindo mais. Sem falar do que acontecia na saída. Seria de se esperar que o capricho tivesse desaparecido quando veio uma grande diarreia, mas não, ela continuou com aquilo.

Julia se sentiu culpada pelo último pensamento. Deveria ser mais gentil com sua irmã menor, mas era difícil, porque, para ela, as coisas eram muito mais fáceis do que para Julia, como se a diferença de cinco anos tivesse transformado os pais, que passaram de paredes frias e imóveis a pedras que se pula para atravessar o rio. Claro que Julia adorava Docinho (afinal, elas eram irmãs), mas às vezes, queria estrangulá-la (afinal, elas eram irmãs).

Para diminuir a culpa, Julia pensou nas vezes em que elas se reuniram. Como nas raras ocasiões em que seus pais brigaram (de verdade, porque eles tinham discussões acaloradas a respeito de muitas coisas), e as três meninas dormiam na mesma cama como se, estando juntas, ficariam protegidas dos gritos. Ou quando a avó disse a Pimenta que ela precisava emagrecer e Docinho a chamou de velha amarga. Ou quando Julia foi castigada na primeira vez em que tentou fumar maconha e as duas irmãs fizeram vigília na frente do quarto dela até os pais pararem de gritar com ela. Ou quando elas choraram como bebês quando Charlie e Diana se casaram, porque era muito romântico o tanto que eles se amavam, e tudo que as irmãs Carroll esperavam na vida era que encontrassem o mesmo tipo de amor eterno (de preferência, com um príncipe rico).

As lembranças fizeram Julia se sentir nostálgica enquanto ela caminhava até a casa. Pulou o degrau quebrado (aquele que a mãe gritava para que o pai consertasse) e desviou do vaso de açafrão morto (aquele que o pai gritava para que a mãe replantasse). A porta da frente estava destrancada, como sempre. Ninguém sabia bem onde a chave estava, e a mãe tinha certeza de que qualquer ladrão veria o estado esfarrapado da mobília da sala de estar e decidiria que não havia nada que valesse a pena roubar.

O pai de Julia era veterinário. Sempre levava animais abandonados para casa, e quando a mãe passou a teimar com ele, Julia e as irmãs começaram a levá-los para casa também. Com muita insatisfação, a casa vitoriana amarela era conhecida no bairro como a casa do Dr. Dolittle.

Como se fosse combinado, um gato malhado de propriedade desconhecida se enrolou nas pernas de Julia enquanto ela se esforçava para soltar a bolsa de livros. Ouviu-se um latido baixo vindo do sofá onde o sr. Peterson, um terrier, se recuperava, deitado de costas. A sra. Crabapple, uma fêmea de labrador caramelo com problemas de memória, estava no chão ao lado dele. Um tucano convalescente ruminava baixo na sala de estar.

— Meninas, quero que conheçam a Señora Bica-Dedos, da família Ramphastidae — dissera o pai, apresentando o pássaro com a formalidade que ele sempre reservava aos pacientes.

— Ai, caramba! – murmurara a mãe, e então entrou no porão, onde passou o resto da noite.

Julia acariciou os cachorros antes de entrar na cozinha, que estava bagunçada, como sempre. Pratos e bandejas do café da manhã esperavam a volta das irmãs da escola para serem lavados (Docinho lavava tão devagar que Pimenta acabava por assumir a tarefa). Um gato ruivo desconhecido pulou no balcão, uma violação clara da única regra da mãe em relação a gatos. Julia o pegou e o colocou no chão. O gato voltou a pular, mas ela decidiu

que tinha feito sua parte.

Viu a pilha de impressões na mesa da cozinha. Ela havia pedido à mãe para encontrar qualquer artigo sobre as meninas desaparecidas no estado da Geórgia nos últimos doze meses. A letra de mão no topo da primeira página era tão precisa quanto a de uma professora do jardim-de-infância, o que significava que sua mãe havia pedido a um dos bibliotecários para cuidar da máquina de microficha. A mulher tinha escrito um bilhete: Estas são as matérias que não tiveram continuidade: devolvidas.

Julia passou um pouco de pasta de amendoim em uma banana enquanto lia a primeira impressão. Dois meses atrás, o Clayton News Daily havia divulgado uma matéria de capa a respeito de uma garota que havia desaparecido do campus da faculdade. A fotografia estava escura demais para que as pessoas tivessem uma ideia de como era a garota, mas a descrição dizia que ela era morena e bonita.

Julia virou a página. O Statesboro Herald. Mais uma garota desaparecida, vista pela última vez em um cinema. Descrita como atlética e atraente.

A matéria seguinte era do News Observer. Uma garota desaparecida vista pela última vez perto da propriedade de Fannin County Fair. Alta, com cabelos compridos escuros e traços marcantes.

O Tri-County News. Uma garota de Eden Valley havia desaparecido. Cabelos loiros. Olhos azuis. Ex-rainha do baile.

O Telegraph. Manchete: “Colega de quarto da estudante da Mercer: ela não voltou para casa.” O pastor da estudante foi citado na matéria. “Ela é uma jovem bonita, de Deus, e nós queremos que ela volte.”

Bonita. Marcante. Bela. Jovem.

Como Beatrice Oliver.

Como Mona Sem Nome.

Os dois desaparecimentos recentes não tinham sido catalogados ainda, mas em poucos meses, eles entrariam para os registros. Julia conferiu as datas. Nenhuma das matérias era de Athens, o que foi um alívio pelo motivo óbvio, e também porque significava que ela não havia perdido nada durante suas leituras diárias do Athens-Clarke Herald.

Julia empilhou as impressões. As histórias tinham chamado sua atenção. Ela sentiu seus batimentos cardíacos acelerarem de novo. A sala estava meio abafada. Ela se abanou com os papéis. Folheou de um lado a outro, vendo imagens rápidas de pais pesarosos, fotos de escola e fotos indiscretas feitas durante as férias de verão.

Todas aquelas meninas bonitas. Todas desaparecidas. Ou levadas. Ou mantidas em cativeiro.

Ou, talvez, seus corpos simplesmente não tenham sido encontrados.

Um cartão de registro caiu de dentro das páginas. Aquele bilhete estava escrito com a caligrafia da mãe — não era uma repreensão por requisitar aquele material obscuro, mas um cartão com data da biblioteca. Vinte e oito impressões a cinco centavos cada.

Julia pegou uma nota de dólar e duas moedas de vinte e cinco centavos da bolsa (era irritante como sua mãe sempre ia atrás de troco). Deixou o dinheiro com o cartão sobre a

mesa. Viu a data de hoje: 4 de março. O aniversário da avó estava chegando. De novo, Julia procurou na bolsa. Encontrou o cartão que havia comprado antes de a avó comentar que Julia parecia não conseguir perder os últimos três quilos do primeiro ano da faculdade.

— Ela está te chamando de gorda — dissera Docinho, querendo ajudar.

Julia tocou o envelope selado sobre a mesa. Ela havia escrito algumas coisas agradáveis dentro do cartão de aniversário. Coisas boas que ela não mais sentia. Será que ela poderia abrir o envelope e mudar o sentimento?

No fim, Julia deixou o cartão sobre a mesa. Talvez assim fosse partir, mas era muito ruim que ninguém mais soubesse disso.

Ela entrou no quarto, que ficava no primeiro andar, porque o escritório de seu pai no andar de cima estava bagunçado demais para ficar quando Docinho nasceu. Ela ficou parada na porta, sentindo-se uma desconhecida, apesar de nada ter mudado. As paredes ainda eram lilases. Seus pôsteres de rock ainda estavam ali — Indigo Girls, R.E.M.; Billy Idol no teto, de modo que ele era a última coisa que ela via antes de dormir. Polaroides de amigos da escola ainda estavam coladas na estrutura do espelho acima da penteadeira. O sr. Biggles ainda estava na cama. Julia pegou o cachorro velho de pelúcia e beijou sua cabeça, pedindo, em silêncio, pela milésima vez, desculpas por tê-lo jogado fora por acidente no dia em que fez as malas para ir para a faculdade (graças a Deus, seu pai o havia salvado).

Ela alisou o que restava do pelo manchado e remendado do sr. Biggles. O coitado tinha sofrido com estilingues e flechas. Julia já havia dormido tanto sobre ele que o cão já estava quase achatado. Docinho havia aparado seus pelos depois de derrubar refresco nele, não tão acidentalmente. Pimenta havia acertado seu nariz com um baby-liss, e Julia fingira achar graça quando, na verdade, estava morrendo por dentro.

O sr. Biggles foi levado de volta a seu lugar. Julia usou a manga de seu suéter para tirar um pouco do pó de cima da luminária de luz azul que ela sabia que a mãe detestava (e por isso Julia a havia deixado ali). O gato ruivo subiu em sua cama. Julia passou a mão pelas costas dele e então percebeu que aquele era o segundo gato ruivo. Sua pata direita tinha sido raspada onde uma agulha havia sido inserida. Seu ronronar parecia os dentes de um pente vibrando.

Julia encontrou o lenço amarelo dentro da bolsa e subiu a escada até o quarto de Pimenta. Como sempre, parecia que uma bomba havia explodido ali dentro. Roupas cobriam o chão. Havia livros abertos e virados para baixo (“um pecado”, segundo sua mãe). As paredes eram cinza-escuras. As cortinas eram quase pretas. O fato de o quarto parecer uma caverna era totalmente proposital. Assim como a fúria da mãe também era esperada.

Julia levou a mão ao pescoço. Ela havia pegado o medalhão de ouro de Pimenta emprestado meses antes, mas a irmã só dera falta dele na última sexta. Houve uma discussão acalorada quando Julia disse que não o havia pegado e, então, mais uma briga acalorada quando Pimenta percebeu que Julia estava usando o medalhão e que o havia enfiado por dentro da camisa para escondê-lo. Em vez de devolvê-lo, Julia saiu da casa e

bateu a porta.

— Você roubou meu chapéu de palha! — gritara ela, olhando para trás, como se o roubo do pingente as deixasse quites.

Por que ela tinha sido tão infantil? E por que não conseguia simplesmente devolver o medalhão agora? A maquiagem de Pimenta estava espalhada sobre as peças que ela já tinha usado, uma vez, no máximo, e descartado. Pulseiras pretas e prateadas. Um laço preto e grande que pertencia a Julia. Várias camisetas rasgadas ao estilo de Flashdance, na altura do pescoço. Leggings com as cores do arco-íris. Meias-calças pretas. Mais sombra de olho, pó e blushes do que Julia jamais saberia o que fazer com eles.

Não que sua irmã precisasse de maquiagem. Se Julia era bela, Pimenta era voluptuosa (o que era muito melhor, na opinião de Julia). Sua irmã do meio era curvilínea e, agora que ficava mais velha, sensual de um modo que fazia os amigos de seu pai dizerem coisas muito idiotas perto dela.

Não era só a aparência de Pimenta. Havia algo em sua atitude que atraía as pessoas. Ela sempre dizia o que vinha à mente. Fazia o que queria. Não se preocupava com o que as outras pessoas pensavam. Certamente era mais experiente do que Julia. Havia experimentado maconha no sexto ano. Numa festa da semana anterior, ela havia experimentado cocaína num desafio, o que foi assustador, senão levemente impressionante. O medalhão de ouro tinha sido um presente de um garoto que havia ido até o fim com Pimenta no banco de trás do Chevy de seu pai. Pelo menos, é o que Pimenta havia dito, e por que ela mentiria a respeito de algo assim?

Julia enfiou o medalhão dentro da blusa. Colocou algumas das pulseiras pretas e prateadas nos braços, porque ela havia comprado as dela ao mesmo tempo e não dava para saber de quem eram. Pegou o laço preto. Deixou o cachecol amarelo na cama, torcendo para que a irmã o visse entre as roupas espalhadas. Ela estava se virando para sair da sala quando ouviu um gemido baixo.

Julia franziu o cenho com o barulho familiar. Será que a pobre e velha fêmea de labrador tinha ficado presa num canto e se esquecido de como sair? Um dos gatos estava prestes a vomitar uma bola de pelos?

O gemido veio de novo, baixo e contido, meio como o som de satisfação que uma pessoa emite quando se espreguiça.

Julia entrou no corredor. Percebeu que a porta do quarto dos pais estava fechada. Um feixe de luz aparecia nos cantos da porta. Ela ouviu o gemido de novo e desceu a escada correndo antes de ouvi-lo pela quarta vez e ter de despejar ácido nos ouvidos para se livrar da lembrança.

— Eca — disse ela, tirando a bicicleta da varanda da frente. — Eca, eca, eca.

O trajeto todo de volta para o campus foi tomado por pensamentos a respeito de qualquer coisa que não fossem seus pais fazendo sexo. As audições do caso Irã-Contras, que Julia decidira ficar em casa e não ir à escola para poder assistir com seu pai. O primeiro cachorro que ela teve, Jim Dandy, um golden retriever que não parava de mancar porque, como seu pai disse: “Algum idiota pensou que um cachorro conseguia entender

física e o deixou solto na traseira de uma picape.” A festa de 13 anos de Docinho, ano passado, a animação que todos sentiram por ela finalmente ter se tornado adolescente (menos a mãe, que bebeu um pouco da cerveja do pai e ficou chorosa). O modo com que o avô Ernie costumava pegar seu violão depois do jantar de domingo para que todos dançassem alguma coisa que ele tocava, ainda que ninguém reconhecesse a canção.

Quando Julia voltou ao campus era exatamente meio-dia. Ela acorrentou a bicicleta na frente do Tate Student Center e correu para a sala. O professor Edwards já estava dando aula no púlpito e olhou com firmeza para Julia ao vê-la entrar correndo.

— Sinto muito — ela se desculpou ao caminhar em direção à mesa, no fundo da sala.

— Esqueci meu trabalho e tive que voltar ao meu quarto. — Ela começou a se sentar, mas ele a impediu.

— Traga-o aqui. — Ele estendeu a mão. Os dedos se moviam para a frente e para trás, indicando que ela deveria se mexer e que ele não estava de brincadeira.

Julia pegou o longo caminho de volta ao Professor Edwards. Colocou o trabalho de 12 páginas na mão dele. Havia manchas de corretivo líquido espalhadas pelo trabalho. Ela começou a se virar, mas ele disse:

— Fique aqui. Isso não vai demorar muito.

Ela ficou na frente do púlpito, enquanto ele lia seu trabalho. Ela se remexeu, mudando o peso do corpo de um pé para o outro. Remexeu as mãos. Não olhou para nenhum dos colegas de classe, que riam atrás dela. O professor Edwards, por sua vez, não olhou para Julia. Manteve a cabeça baixa. Folheou as páginas com um movimento brusco do punho. Às vezes, ele assentia. Com mais frequência, balançava a cabeça de modo negativo.

Edwards era mais jovem do que a maioria dos professores, provavelmente tinha trinta e cinco anos, mas havia uma área calva no topo de sua cabeça sobre a qual as garotas comentavam — não porque o deixasse menos atraente (deve ser dito que o professor Edwards era muito atraente), mas porque elas sempre souberam que poderiam usar aquilo como arma se ele tentasse algo com elas.

Porque o professor Edwards tinha fama de tentar coisas. Foi um desses conselhos que era passado nas salas: não passe por baixo do arco se quiser se formar, ASE significa “abuso sexual esperado”, não fique sozinha com o professor Edwards a menos que queira que ele faça comentários sobre sua beleza, sobre o tamanho de sua bunda e sobre a perfeição de seus seios, ou sobre como mora perto do campus.

— Qual é a ordem de monges que raspam a cabeça em um círculo? — perguntara Nancy Griggs quando elas ouviram o conselho de uma formanda.

— Franciscana? — Julia tentara adivinhar, pensando ser algo que sua mãe saberia, mas que se contasse à mãe, o pai provavelmente apareceria na aula com uma arma.

— Certo — dissera Nancy. — Quando ele lhe der uma cantada, pergunte se ele é um monge franciscano por causa da área calva de sua cabeça.

Quando, não se. Todas as garotas achavam que o professor Edwards tinha uma queda por Julia.

A verdade era que ele nunca lhe daria uma cantada, mas o resto da verdade era que ele

não tinha que dizer nada a respeito da bunda ou dos seios dela, porque seus olhos faziam todos os comentários. O problema de verdade (além de ele sair ileso) era que Edwards era, de verdade, um ótimo professor. Julia havia passado no ensino médio sem qualquer problema com sua redação. Edwards a desafiava a se esforçar mais. Ele percebia as porcarias dela a quilômetros. Ele reescrevia as frases dela, explicando a diferença retórica. Fazia com que ela quisesse ser melhor.

E, ao mesmo tempo, ele a deixava extremamente desconfortável.

Edwards finalmente ergueu os olhos do trabalho dela.

— Gosto do rumo que você está tomando com isto, mas você sabe que precisa melhorar.

— Sim, senhor.

Ele manteve o olhar. O trabalho dela ainda estava no púlpito, com uma das mãos grandes prendendo-o à mesa para o caso de ela tentar pegá-lo.

Julia uniu as mãos. Seu rosto estava corado. Ela suava. Detestava qualquer tipo de atenção, e a pior parte era que percebia que o professor Edwards entendia isso, e a torturava por esse motivo, só porque podia.

— Certo. — Ele apertou a ponta da caneta e começou a marcar as páginas com canetadas rápidas que rasgavam o papel. — Não precisa disso... — Ele fez um X em dois parágrafos nos quais ela perdeu horas. — E isto... — Circulou outro parágrafo e então desenhou uma seta indicando o topo da página. — Passe isto para cá e isto para lá. E, na verdade, esse parágrafo na página de trás deveria ir para o começo, por aqui, e isto é redundante. Isto também. Gosto disto, um pouco.

Quando ele terminou, Julia e seu trabalho lembravam um relógio de Escher, descendo em espiral para o desespero.

— Entende? — perguntou Edwards.

— Sim, senhor. — Ela entendeu que nunca mais se atrasaria para a aula.

Julia pegou o trabalho. Ele o segurou por um segundo a mais do que o necessário, de modo que quando ela finalmente o puxou de sua mão, as páginas fizeram barulho. Ela fingiu folhear as anotações ao voltar para sua mesa. Sentia Edwards observando todos os seus movimentos, e ele até gemeu de um jeito esquisito quando ela se sentou à mesa, como se estivesse imitando o início de uma canção do Al Green.

13h20 — Tate Student Center, Universidade da Geórgia, Athens

JULIA SE SENTOU À mesa em frente a Veronica Voorhees, que deveria estar dividindo sua salada, mas já tinha comido metade dela. Julia não se importava. Seu estômago estava embrulhado pelo encontro com o professor Edwards — não o do começo da aula, mas depois do fim da aula.

Julia tinha sido a última a sair da sala. De repente, Edwards apareceu atrás dela, tão perto que ela conseguia sentir a respiração quente em seu pescoço quando ele sussurrou:

— Ponto extra se eu a vir em minha palestra esta noite.

— Ah — disse ela, momentaneamente surpresa com a proximidade. — Tudo bem.

— Campus Sul. Podemos tomar um café depois, talvez conversar um pouco mais sobre seu trabalho.

— C-claro — ela havia gaguejado como uma idiota.

E então, sentiu a palma da mão dele na polpa de seu traseiro da mesma maneira admiradora com que vira homens em leilões de gado passarem a mão na anca de um animal.

Julia estava dois lances de escada para baixo quando começou a pensar no que deveria ter feito. Deveria ter dado um tapa para afastar a mão. Deveria ter perguntado que merda ele estava fazendo. Deveria ter pedido para que ele a deixasse em paz, dito que ele é nojento, que é cruel, que era um ótimo professor, então por que tinha que deixar tudo tão nojento sendo um esquisito?

— Por que está tão pensativa? — perguntou Veronica. A salada caiu de sua boca. Ela fez Julia se lembrar de Mona Sem Nome comendo no primeiro dia em que apareceu no abrigo. Enfiara tanta comida na boca que começou a engasgar.

Mona. Julia estivera tão envolvida em seus problemas mesquinhos com o professor Edwrads que havia se esquecido da desabrigada desaparecida.

Será que Mona estava mesmo desaparecida? Um homem de fato a havia arrancado da rua e a arrastado para dentro da van? Essa mesma van tinha parado atrás de Beatrice Oliver cinco semanas antes? Quem havia levado uma delas, ou as duas, sabia o que estava fazendo. Não foi o Bicho-papão nem o Lobo Mau. Foi um tubarão de dentes afiados que abocanhou mulheres indefesas da rua e as arrastou para um lugar escuro onde pudesse devorá-las.

— Julia? — Veronica bateu na mesa para pedir atenção. — O que está acontecendo com

você, menina?

— Só estou cansada. — Julia mordeu o sanduíche de queijo grelhado para dar à sua boca algo o que fazer. Tentou afastar as imagens de tubarão da mente, deixando seus pensamentos voltarem ao professor Edwards.

Ela poderia denunciá-lo, mas quem recebesse sua reclamação daria a Edwards uma chance de responder. Julia não tinha dúvidas de que ele teria uma boa resposta. Depressa, ela marcou todas as opções: Ela está com raiva, porque dei uma nota baixa em seu trabalho. Isso é vingança, porque ela deu em cima de mim e eu disse não. Ela é louca. É uma vaca. É uma mentirosa. Já se meteu em encrencas antes.

Esta última parte era verdade. Julia tinha sido presa pela polícia do campus no ano passado. Alguns dos formandos do Red & Black tinham desafiado Julia a fazer algo mais do que escrever uma maldita matéria a respeito da incursão da faculdade de agricultura nos organismos geneticamente modificados. Ela só percebeu que era a única pessoa que não estava com pressa quando todos eles invadiram o laboratório e destruíram alguns equipamentos.

— As pupilas deles estão maiores do que o meu pau — dissera o policial do campus a seu parceiro.

Julia nunca tinha visto um pênis de verdade, mas não tinha dúvidas de que ele tinha razão. À luz fria da lanterna do policial, seus colegas criminosos obviamente estavam muito drogados.

— Ei, linda! — Ezekiel Mann estava atrás da cadeira de Julia. As mãos suadas esfregavam seus ombros. — Aonde você foi?

Julia não tinha ido a lugar nenhum, mas disse:

— Desculpa.

— Não tem problema. — Seus dedos apertaram seu corpo. — Tem tempo para aquela partida de bilhar?

Julia estava de pé antes de ele terminar a frase. Ela já tinha sido abusada o suficiente para aquele dia.

— Primeiro, as damas. — Ele colocou um taco na mão dela.

Julia pegou o taco, porque as pessoas estavam observando e ela não queria ser rude. Era muito boa no bilhar (sua avó havia lhe ensinado), mas perdia as tacadas mais fáceis de propósito para que Ezekiel não se sentisse envergonhado. A única parte divertida era David Conford, sentado em um dos sofás grandes de tweed, que narrava o jogo como se estivesse passando na TV.

— Julia Carroll, uma menina com brilho nos olhos, se inclina sobre a mesa. Vai tentar o seis ou o dez? — David parou para beber da garrafa de Coca. Saiu de seu personagem.

— Sabe, Julia, você é muito ruim nisso.

Ezekiel disse:

— Ela é bonita. Não precisa ser boa em nada.

Julia mudou de ângulo e matou as bolas seis e dez na caçapa do canto.

— Acaboou! Acabooou! — David bateu palmas. — A plateia vibra!

Para maior satisfação de David, Julia encaçapou as últimas quatro bolas e então colocou o oito na caçapa lateral, enquanto Ezekiel permanecia boquiaberto, com o taco à sua frente.

Julia se sentou ao lado de David no braço do sofá.

— Foi divertido.

Ezekiel enfiou o taco na estante e saiu batendo os pés.

David riu, bem-humorado, do amigo que saiu. Disse a Julia:

— Ei, Ligeirinho, me avise com antecedência da próxima vez, para eu poder armar a plateia do jogo.

Ela riu, porque David era um daqueles caras que eram engraçados sem fazer esforço. Ele disse:

— Soube que Michael Stipe vai estar no Manhattan hoje à noite.

— Certo. — Havia rumores diários de que o vocalista do R.E.M. estaria nesse bar naquela noite ou na seguinte ou no fim de semana, ou talvez já estivesse ali. — Pensei que ele estivesse em turnê!

— Seja como for, querida. — David se levantou do sofá. — Talvez nós nos vejamos. — Talvez — disse Julia, só para ser simpática.

O centro dos estudantes estava ficando vazio. Julia pegou a bolsa e a sacola de livros. Em vez de subir na bicicleta, seguiu em direção aos escritórios da Red & Black a alguns prédios dali. Sentiu-se encorajada pelo jogo de bilhar (ela havia se permitido ganhar alguma coisa!) e queria tirar vantagem da leve confiança e contar sobre a história de Beatrice Oliver.

As 28 impressões que sua mãe deixou sobre a mesa da cozinha haviam trazido o foco do discurso de Julia a um ponto adequado. As pessoas sempre diziam que queriam a notícia crua, mas o que queriam mesmo era ser assustadas. Aquelas meninas eram muito normais. Muito inocentes. Muito familiares. Poderiam ser sua mãe, prima ou amiga. Uma filha desaparece de um cinema. Uma irmã desaparece na rua. Uma tia querida sai com seu carro e nunca mais é vista. Julia sabia o que importava na história de Beatrice — os mesmos detalhes que a tinham assombrado todas essas semanas.

Uma bela garota desapareceu enquanto comprava sorvete para seu pai doente...

Julia sorriu. Repetiu a frase a si mesma, enquanto descia o longo corredor até os escritórios da Red & Black. E então tossiu em meio à parede de fumaça que escapava pela porta aberta. Todos eram jornalistas, mas ninguém estava prestes a escrever uma matéria sobre os perigos do tabagismo passivo, porque seu conselheiro preferiria se aposentar mais cedo a abrir mão de seu Marlboro vermelho.

O sr. Hannah chamava a sala de jornalismo de seu curral, que parecia, para Julia, um modo glorificado de dizer que ele não limparia os montes de papéis de sua mesa, dos cantos e principalmente das estantes cheias que ocupavam os cantos da sala.

Julia adorava a bagunça. Adorava os cheiros horrorosos — a nicotina, a tinta e aquela coisa azul e esquisita que saía do mimeógrafo. Adorava o toque do telex e o zunido da impressora, o som do spray adesivo, o deslizar do cortador de papel e o murmúrio dos

dois computadores Macintosh sobre a mesa comprida no fundo da sala. Gostava principalmente do sr. Hannah, porque ele tinha trabalhado no The New York Times, no Atlanta Constitution e no L.A. Times até irritar tantas pessoas que o único lugar restante para abrir sua boca grande fossem os corredores acadêmicos.

— A estabilidade — ele sempre dizia — é o último bastião da liberdade de expressão.

Apesar de sua aparência desleixada, o sr. Hannah tinha feito muito bem em se mudar para Athens. A faculdade de jornalismo da UGA era nacionalmente renomada, o que era fantástico quando se era um pai que não queria pagar a faculdade em outro estado, e terrível se a pessoa fosse um aspirante a estudante de jornalismo que quisesse viver em outro lugar que não fosse a cidade em que havia crescido.

O sr. Hannah sorriu quando Julia entrou na sala.

— Aí vem minha moça bonita. — De algum modo, ele fazia com que as palavras parecessem um gesto de afeto e não um assédio assustador. — Onde está meu texto sobre a privatização dos serviços de refeição da cafeteria?

Julia entregou a matéria a ele, que a analisou, enquanto ela permanecia ali, com a luz do teto refletindo as palavras digitadas nas lentes dos óculos dele.

— Serve — disse ele, que foi o melhor que qualquer um poderia esperar. — O que mais tem para mim? Preciso de notícias.

— Eu estava pensando — Julia começou, enquanto sentia a frase de abertura que havia criado momentos antes escapar de sua mente e flutuar no vácuo. — Uma garota... uma garota bonita... foi... e...

O sr. Hannah bateu palmas.

— E?

— E...— A cabeça de Julia era uma tigela vazia e sem cérebro. Estava tremendo de ansiedade. Parecia que ia começar a chorar.

— Julia?

— Sim. — Ela pigarreou. Sua língua havia se transformado num saco de sal molhado. Falou sobre os fatos, porque os fatos importavam. — Uma garota desapareceu. Ela vive... vivia... a cerca de quinze minutos daqui.

— E?

— Bem, ela desapareceu. Sequestrada. O detetive do caso disse...

— Provavelmente fugiu com um namorado — alguém interrompeu.

Julia olhou por cima do ombro do sr. Hannah. Greg Gianakos. Lionel Vance. Budgy Green. Eles esticaram a cabeça acima das baias de produção como cães pastores. Todos tinham cigarros pendendo da boca, e todos estavam se tornando flácidos e com os olhos turvos como seu mentor. A única diferença era que eles olhavam para ela sem a gentileza do sr. Hannah.

— Ignore-os, menina — sussurou o sr. Hannah. — Dê-me uma história que eu possa colocar na capa.

— Certo — disse Julia, como se fosse fácil assim recuperar sua certeza anterior. Qual era o cerne da história de Beatrice Oliver? Qual era o gancho? Julia pensou no terror que a

tomara quando leu sobre o sequestro da menina no telex. A ameaça que sentira naquela manhã ao descer as ruas que eram familiares como a casa em que passara a infância. O medo causado pelas matérias que ela leu na cozinha de sua mãe. Ela tinha de detalhar ao sr. Hannah o que de fato a incomodava a respeito do sequestro de Beatrice Oliver. Não era só por a garota ter sido levada na rua. Não era só o fato de ela estar em cativeiro. Era o motivo pelo qual ela tinha sido levada, para começo de conversa.

Ela disse ao sr. Hannah:

— Estupro.

— Estupro? — Ele ficou claramente surpreso. — Como assim?

— Ela foi estuprada — disse Julia, por que por qual outro motivo um homem sequestraria uma mulher a menos de dois quarteirões da casa da família dela? Por que mais ele a manteria em cativeiro?

— Está falando sobre Jenny Loudermilk? — Greg Gianakos se levantou da mesa. Cruzou os braços sobre o peito amplo. — Não tem como tirar mais de um parágrafo daquilo.

Julia deu de ombros, mas só porque não fazia ideia de quem era

Jenny Loudermilk. Parecia que nem o sr. Hannah.

— Conte para mim.

— Estudante do segundo ano — disse Greg, apesar de o sr. Hannah ter feito a pergunta a Julia. — Loira bonita. No lugar errado, na hora errada.

Lionel Vance se intrometeu.

— Soube que ela era bem fácil. Passava a maior parte da noite enchendo a cara.

— Sim, todo mundo sabe que os estudantes do segundo ano são bêbados. — Greg estava claramente irritado por ter sido interrompido. — De qualquer modo, a garota estava descendo a Broad Street e alguém a pegou, levou-a para uma viela e a estuprou.

O sr. Hannah bateu a mão por cima dos bolsos à procura dos cigarros. — Ninguém quer ler a respeito do sequestro. Digam abordada, atacada ou ameaçada, se ela não foi agredida. — Ele perguntou a Julia: — É essa a história que você quer contar?

— Bem, eu...

— Ela não vai falar com você — disse Lionel. — A vítima. Nunca falam. Então, qual é sua história? Uma garota fica bêbada e sai com o cara errado? Como Greg disse, não dá nem um parágrafo. Eu não colocaria isso nem na última página.

O sr. Hannah acende o cigarro. Ele pergunta a Julia:

— Você concorda? Discorda?

— Eu acho...

— É uma anomalia — Greg interrompeu. — Se sua história é que de repente o mundo é tomado por estupradores, você está errada. E um campus de universidade é estatisticamente um dos lugares mais seguros para se estar.

O sr. Hannah soltou um monte de fumaça. —

Estatística, não? Greg disse:

— Olha, Ju, não deixe suas emoções nublarem seu bom senso. Sim, o que aconteceu

com Jenny não deveria ter acontecido, mas um jornalista só conta fatos, e você não terá fatos aqui, porque a vítima já correu para casa, o cara que fez isso certamente não vai falar, e os policiais não discutirão um caso que nunca será julgado.

Julia afundou as unhas contra as palmas das mãos. Pensou na pilha de impressões em sua bolsa. Queria jogá-las na cara de pau de Greg, mas isso só daria razão a ele. Vinte e oito mulheres num estado com população aproximada de 6,5 milhões não era um número significativo.

Ele pareceu ler a mente dela.

— Jenny Loudermilk era uma garota entre aproximadamente 15 mil estudantes. É um caso isolado.

Julia tentou:

— Nem sempre é denunciado.

— Porque metade delas se embebedou e mudou de ideia.

— Digo denunciado no jornal. — Ela se lembrou de que as matérias eram a respeito de mulheres desaparecidas, não sobre mulheres que tinham sido estupradas. Atacadas. Agredidas. — Nem registrado na polícia, nem informado a ninguém.

— Por um bom motivo. — Greg acendeu um cigarro. — Esta é a história: que o campus é mais seguro para as mulheres do que nunca. E o mundo é mais seguro para as mulheres do que nunca.

— É mesmo? — O sr. Hannah cruzou os braços sobre o peito. Sorria como um louco. — Reforce isso, esperto. Dê-me prova estatística de que o mundo é mais seguro para as mulheres, além do fato de parecer lindo visto com suas lentes cor-de-rosa.

— Tudo bem. — Greg caminhou até um dos computadores no fundo da sala. Ligou a máquina e se sentou. — Todos temos as estatísticas de crime dos últimos dez anos em uma série de discos.

— Vou morrer de velhice até essa coisa ligar. — O sr. Hannah estava perto das estantes de metal atrás de sua mesa. Passou o dedo pela lombada de muitos livros até encontrar o que procurava. — O FBI recebeu ordem do Congresso dos Estados Unidos para reunir todos os dados de crimes relevantes de uma série de forças policiais pelo país pelo menos uma vez por ano. — Ele pegou vários livros. — O relatório mais recente que tenho é de 1989.

Ele entregou um dos livros a Julia.

— Budgy — disse o sr. Hannah ao único garoto que não estava na discussão. — Vá ao quadro. Precisamos de um formado que não seja de humanas para nossos cálculos. Julia... — Ele meneou a cabeça para ela. — População dos Estados Unidos em 1989?

Ela abriu o livro e folheou o índice. Encontrou o número da página e, então, a página correta, e leu: — Era de 252.153.092.

— Metade disso, Budgy. Homens não contam nessa equação.

— Não é metade — disse Budgy. — As mulheres são um pouco menos do que 51% da população.

— Que assim continue. — O sr. Hannah bateu o cigarro dentro de um copo de isopor.

— Mas diminua pela metade o que tirar desses 51%, porque eles não reúnem dados de menores de idade.

Julia pensou ter ouvido mal. Olhou para o livro no colo e correu o dedo pela metodologia. O estupro inclui agressões ou tentativas de estupro com o uso da força ou ameaça de uso da força; no entanto, o estupro estatutário (que não é à força) e outras agressões sexuais são excluídas.

— Você deveria cortar pela metade esse número uma terceira vez — disse Greg. — Pelo menos uma parte das mulheres se arrepende.

— Opa, pera lá. — O sr. Hannah ergueu a mão como um árbitro marcando uma falta. — Não podemos conjecturar. Vamos nos ater aos dados. — Ele orientou Julia: — Então, na sua matéria, você diz "Extrapolando os Registros de Crimes do FBI e blá blá blá, certo?

Julia assentiu, mas isso já tinha deixado de ser sua matéria há muito. O sr. Hannah perguntou:

— Número de registros em 1989? Julia?

— Ah, desculpa. — Julia olhou na coluna certa. — Estupros forçados: 106.593.

— Certo. 106.593. — O sr. Hannah repetiu, certificando-se de que Budgy anotasse o número certo. Isso provavelmente é bem consistente nos últimos cinco anos, mas teremos que verificar.

Julia olhou para o quadro, atordoada com o número. A população de Athens-Clarke County era de menos de cem mil. A estatística era maior do que qualquer pessoa na cidade: homem, mulher e criança.

— Pare com isso, Budgy. Vamos. — O sr. Hannah bateu palmas para fazer Budgy se mexer. — Vamos lá, filho, não temos o dia todo.

Julia conferiu os dados uma segunda vez, certa de que os tinha visto mal. Ali estava: 106.593. Ela olhou para os números até eles ficarem borrados. Mais de cem mil mulheres. E eram as maiores de idade. E tinham realmente registrado o crime. E tinham sido ameaçadas com violência. Quais eram os outros abusos que não contavam? E as mulheres que não iam à polícia?

Por que o crime só parava nos jornais quando a garota não estava por perto para contar a história?

— Entendi. — Budgy sublinhou o número tantas vezes que o giz se quebrou ao meio. — Nos níveis atuais, as mulheres no país têm 0,043 por cento de chance de serem assediadas. São cerca de 43 a cada cem mil.

O sr. Hannah era tão familiarizado com o número da população de Athens quanto Julia. Ele resumiu: — Então, transferindo esse número à nossa cidade, são quase 22 mulheres por ano, ou seja, um abuso a cada duas semanas e meia.

Julia fechou o livro. Beatrice Oliver e Mona Sem Nome eram duas vítimas para a lista? Jenny Loudermilk completava o trio. Deixando de lado que já era março e que provavelmente havia outras, restavam pelo menos dezenove mulheres de Athens que seriam estupradas antes de 1992.

E então, o relógio seria ajustado de novo e a contagem recomeçaria.

Greg bateu o cigarro dentro de uma lata de Coca-cola.

— Menos de meio por cento parece bem raro, na minha opinião. — Ele cruzou os braços na frente do peito. — Você teria uma chance maior de ser atingida por um raio ou de ganhar na loteria.

Budgy riu.

— Tem certeza disso, Einstein?

— Jeito de falar. — Greg fez um gesto para indicar que estava sendo sarcástico e perguntou a Julia: — Por que você quis fazer essa matéria de novo? Tipo, são cem mil pessoas de quase trezentos milhões — uma gota no oceano. Ninguém se importa com isso. Não é novidade.

Julia não teve tempo de responder.

— E quanto a assassinato? — Lionel tomou o livro de Julia. — Vamos fazer o assassinato. Quero saber quais são minhas chances.

— Bem altas, se seus pais descobrirem que você vai levar bomba em trigonometria. — Budgy pegou o giz. — Certo, a população sobe para 252 milhões...

— AIDS — disse Julia.

— Você disse que não importava porque são apenas cem mil pessoas. — Ela se esforçou para manter a voz firme. — Mais ou menos o mesmo número de casos de AIDS foram diagnosticados em 1989 nos Estados Unidos, mas a matéria está na capa da Time, da Newsweek... Todo jornal do país tem algum tipo de matéria todo dia, e o presidente faz discurso a respeito disso, o Congresso faz audiências, o Ato para Norte-americanos com Deficiências garante...

— As pessoas não conseguem mentir a respeito de serem portadoras de AIDS — Greg interrompeu.

Julia sentiu uma faísca tomar seu corpo.

— Se quiser especular, especule sobre um monte de mentirosos que não foram incluídos na lista por conta de todas as mulheres que nunca os denunciaram, ou pelas mulheres que são menores de idade, ou pelas mulheres que não foram agredidas durante...

— O conselho médico dos Estados Unidos chamou a AIDS de epidemia. — O tom de Greg estava furiosamente pedante. — E não dizemos diagnosticados com AIDS, dizemos diagnosticados com HIV, o vírus que causa a AIDS.

Julia murmurou um palavrão baixinho, coisa que raramente fazia. Greg fingiu não ouvi-la.

— E também, as pessoas morrem de AIDS. As mulheres não morrem de abuso. Lionel disse:

— Parte da vagina delas, sim.

— Ei. — Budgy jogou a borracha na cabeça dele. — Não seja idiota.

O sr. Hannah perguntou a Julia:

— Qual é o gancho?

Ela não teve que pensar sobre isso dessa vez.

— Algo terrível acontece com pelo menos cem mil mulheres americanas todo ano, e ninguém parece se importar.

Greg resmungou.

— Tenho certeza de que a Cosmo fica de olho.

O sr. Hannah fez um movimento com a mão para que ele se calasse. Disse a Julia:

— Continue explorando.

— Nas notícias, quando alguma coisa ruim acontece predominantemente com homens, é uma epidemia que vale ser anunciada a todo o país, mas quando algo de ruim acontece com as mulheres...

— Ah, vamos — resmungou Greg. – Por que sempre tem que girar em torno de como os homens são ruins?

— Não tem...

— Nós entendemos — disse Greg. — Você é feminista.

— Eu não...

— Você nos odeia porque temos paus.

— Pare de me interromper! — O barulho do punho de Julia batendo contra a mesa ecoou como um tiro. — Não odeio vocês porque têm um pau. Odeio vocês porque são uns idiotas.

A sala ficou total e completamente silenciosa.

Julia respirou trêmula, como se tivesse acabado de tirar a cabeça de dentro d'água.

— Ah, droga! — Lionel deu um soco no braço de Greg. — Um a zero para a rainha do gelo.

— Ela não... — disse Greg. — Não é...

Julia virou-se e seguiu em direção à porta. Suas mãos tremiam. Ela se sentia trêmula e irritada e, por dentro, orgulhosa de si mesma, porque tinha sido uma baita resposta.

— Ei. — O sr. Hannah a alcançou no

corredor. Julia se virou.

— Sinto muito se...

— Bons jornalistas nunca pedem desculpas.

— Ah — disse ela, porque nada mais coerente lhe ocorreu.

— Quero o rascunho daquela matéria na minha mesa até sexta de manhã.

Julia ficou boquiaberta. Nada saiu. Ela havia parado de respirar de novo. Precisava respirar.

— Dá para fazer?

— Sim — disse ela. — Também tenho... quero dizer... posso...

— Coloque em sua matéria. Mil e duzentas palavras.

— Mil e duzentas são...

— A primeira página. — Ele piscou para ela. — Você conseguiu, garota.

Ela observou quando ele passou pela fumaça espessa ao voltar para o curral.

A primeira página.

O pânico se fez assim que ela começou a atravessar o corredor. Julia levou dois dedos ao pescoço. Sua pulsação estava forte como uma bomba. A visão se afunilava contra a luz que passava pelas portas de vidro a trinta metros.

O sr. Hannah disse que ela tinha conseguido, mas o que exatamente? A matéria de Beatrice Oliver não estava amarrada a essa nova. Não exatamente. Beatrice havia desaparecido. Provavelmente tinha sido sequestrada (o detetive havia dito isso), mas qualquer coisa além disso seria especulação. A mesma coisa para as impressões na bolsa de Julia a respeito das vinte e oito mulheres desaparecidas. Elas tinham sumido. É tudo o que podiam dizer sobre elas. Eram jovens, bonitas, eram marcantes e tinham desaparecido.

Como isso podia ser notícia?

— Jesus — ela murmurou. Não era notícia. Pelo menos, não suficiente.

Era isso o que Julia ganhava por falar sem pensar. Ela tinha se irritado muito, e estava muito brava e muito cansada de ser silenciada e ignorada. Greg havia pescado um comentário isolado e a prendera a uma discussão política quando o que Julia estava dizendo era que aquela poderia ser uma matéria, já que algo — qualquer coisa — acontecia a cem mil pessoas todos os anos.

Mas por que ela havia dito que a AIDS só afetava os homens sendo que Delilah era uma contradição completa?

Ela não havia dito que só afetava homens. Dissera que predominantemente afetava homens, e não dissera que o estupro era pior do que a AIDS, dissera que era terrível por si só sem outras comparações, e que ninguém queria escrever sobre isso. Ninguém nem queria chamá-lo do que era. Atacada. Agredida. Ameaçada. Não era à toa que Jenny Loudermilk havia saído da cidade. Como uma mulher poderia falar sobre algo terrível que havia acontecido com ela se ela não podia nem mesmo chamá-lo pelo nome real?

Essa era a história. Um crime sem nome. Vítimas sem voz.

Julia pegou um bloco de anotações e uma caneta de sua sacola de livros. Precisava escrever um pouco antes que se esquecesse.

— O que está rolando?

Ela quase derrubou a caneta. Robin estava recostado na parede. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos. Ele vestia uma camisa de flanela e jeans desbotados, e os cabelos estavam bagunçados.

Julia sentiu um sorriso bobo aparecer em seu rosto.

— Pensei que você acamparia esta semana.

— Minha irmãzinha se esqueceu da bombinha de asma. — Ele sorriu de volta. — Ela tinha o suficiente só até hoje.

— Que bom. Quero dizer, que bom que você a buscou para ela.

— Não passei em casa ainda. — Ele se inclinou para a frente, deixando a testa tocar a dela. — Tinha esperança de encontrar você.

O coração dela acelerou.

— Como sabia que eu estava aqui?

— Perguntei por aí.

— Ah.

— Você está bonita.

Ela deveria ter penteado os cabelos. E escovado os dentes. E vestido algo mais bonito. E perdido três quilos (que se dane sua avó idiota).

— Olha. — Robin segurou a mão dela como se admirasse uma louça. — Não sei se isso é o mais certo a dizer, mas minha família toda está na mata agora e a casa está vazia, e eles acham que vou voltar só daqui a duas horas, no mínimo, e eu gostaria de passar um tempo a sós com você.

Ela assentiu, e seu coração acelerou de novo quando percebeu por que importava o fato de a casa dos pais dele estar vazia e terem duas horas para preencher.

Ele encosta o nariz no dela.

— Acha uma boa ideia?

Julia ficou sem palavras de novo por todos os motivos errados. Naquela manhã, estava certa de que estava pronta para aquilo, mas agora sentia os primeiro tremores de um ataque de ansiedade. Conseguiria mesmo fazer isso? Deveria fazer? Robin ainda desejaria ficar com ela se ela cedesse a ele? E podia dizer que estava cedendo a ele se era algo que ela também queria?

Porque queria. Mesmo por baixo de seu pânico, ela sabia que queria.

Então, isso significava que ela era uma menina má, ou uma mulher liberal, ou uma provocadora, ou puta? Aquilo era muito mais do que sexo. Tinha a ver com o fato de ela fazer demais ou não, ou se sabia como as coisas funcionavam, ou não sabia o que acontecia.

Certo, que maluquice. Claro que ela sabia o básico — o que vai onde —, mas havia outras coisas a fazer, a usar, a tocar, a enfiar na boca, a lamber ou a morder (ou será que a irmã estava mentindo? Porque parecia doloroso), e a verdade era que Julia tinha dezenove anos e não tinha ideia do que estava fazendo. Pelo amor de Deus, ela escondia os anticoncepcionais dentro de um sapato no fundo do armário, porque não queria que Nancy Griggs contasse a todo mundo que ela era saidinha.

Robin perguntou:

— Você está bem?

Julia pressionou a mão sobre o coração, que pulava em uma perturbadora batida de terror, porque, mesmo com a pílula, ela podia engravidar; e mesmo com um preservativo, podia contrair algo terrível, e sua vida terminaria e ela nunca veria seu nome embaixo de uma manchete do Atlanta Journal nem conseguiria dar a notícia de um tornado destruidor na TV. Então, por que ela correria um risco tão idiota, pra começo de conversa?

— Tudo bem. — Robin lançou um sorriso torto para ela. — Sério, se você não quer...

— Sim — disse ela. — Eu quero.

16h20 – Na frente do Centro Estudantil Tate, Universidade da Geórgia, Athens

OS DEDOS DE JULIA ainda tremiam quando ela enfiou uma moeda de 25 centavos no telefone público. Seus lábios estavam doloridos por causa dos beijos de Robin. Seus seios latejavam. Ela conseguia senti-lo dentro dela. Parecia que havia um enorme letreiro de neon sobre sua cabeça no qual estava escrito "JULIA CARROLL: AMADA".

Ela queria cantar. Queria dançar. Queria ficar de pé no meio da praça e jogar o chapéu para cima.

Pimenta atendeu o telefone ao segundo toque.

— Residência dos Carroll.

— Oi, sou eu.

— Ai, Deus, que bom que você ligou. — A voz de Pimenta ficou abafada. — Ainda consegue me ouvir?

Julia olhou ao redor como se alguém pudesse estar ouvindo.

— O que foi?

— A peste foi presa.

— Está mentindo?

— Não, ela está bem, mas Angie Wexler tentou atacá-la no corredor depois da aula. Julia levou a mão à frente dos lábios. Coitada da Docinho.

— Não sinta pena dela — disse Pimenta. — A mãe e o pai nem sequer vão puni-la. Julia sentiu a solidariedade se dissipar.

— Ela disse a eles que foi porque ela não deixou Angie colar dela no laboratório de química, mas o que aconteceu de verdade é que Angie flagrou a peste nos amassos com o irmão dela. Que tem dezessete anos e um carro.

Julia ficou muito feliz por finalmente ter mais experiência com garotos do que sua irmã caçula idiota.

— Ela está bem?

— Está dando uma de triste para que o pai e a mãe sintam pena dela. Eles vão à casa de Harry Bissett hoje à noite.

— Pensei que a mamãe tivesse dito que os garçons eram muito irônicos.

— É Athens. Todo mundo é muito irônico. Por que você ligou?

Julia puxou um pedaço de tinta que estava descascando no telefone público. Havia um

nó em sua garganta. Piscou para afastar as lágrimas que de repente tomaram seus olhos. Por que estava chorando?

— Você está bem?

— Claro. — Julia secou os olhos. — Conte-me sobre seu dia.

Pimenta começou a reclamar sem parar — dos pais, da irmã, das professoras na escola.

Julia olhou para o céu azul, sem nuvens. Ela havia telefonado para contar a Pimenta sobre Robin, mas agora não tinha certeza de que estava pronta para compartilhar. O que havia acontecido entre eles era especial, romântico, lindo e prazeroso (ela tinha certeza de que havia atingido um orgasmo), mas fofocar sobre isso parecia errado, principalmente pelo telefone público. Ela contaria a Pimenta no mês seguinte, depois que tivesse acontecido mais de uma vez (e quando tivesse certeza de ter tido um orgasmo). Diria de modo casual, como “Ah, aquilo, claro que fizemos aquilo”.

— Bom — disse Pimenta. — A menina doida de olhos caídos está vindo estudar com a peste. Provavelmente vou ensaiar com a banda.

— Provavelmente estarei no Manhattan — disse Julia, porque Robin havia lhe dito que ele poderia conseguir escapar à noite depois que seus pais dormissem. Havia um telefone público perto do posto de segurança. Ele enviaria uma mensagem para o pager de Julia com três números um se pudesse ir e com três números dois se não pudesse. A ideia de esperar que o pager bipasse no alojamento era enlouquecedora.

— Oi, viajante do espaço, está por aí? — Pimenta parecia irritada. — Perguntei se pegou minhas pulseiras emprestadas.

Julia ergueu o braço. As pulseiras prateadas e pretas escorregaram por seu braço. — Veja no quarto da peste.

— Faço isso depois. Ela está irritada, mesmo. — Pimenta falou mais baixo de novo. — E é melhor você acreditar que vou passar pela casa de Angie Wexler hoje para assustar aquela vaca de nariz empinado. E o idiota do irmão pedófilo que ela tem.

— Ótimo. — Julia encostou a cabeça na parede. Pimenta era muito melhor em intimidar as pessoas. Julia preferia se manter calada, oferecendo apoio silencioso. — Ei, você já pensou no que vai acontecer conosco quando formos velhas?

Pimenta riu surpresa.

— De onde você tirou isso?

Julia sabia de onde tinha vindo. Por ter sido abraçada por Robin, por ver como ele olhava para ela, ouvi-lo falar que gostava de trabalhar na padaria e, talvez, se sua carreira na arte não decolasse, ele se via trabalhando com o pai, talvez um dia ensinando o ofício ao próprio filho.

Ao próprio filho.

Julia podia dar isso a ele. Queria dar isso a ele. Quando eles estivessem prontos.

Ela disse a Pimenta:

— Tipo, daqui a vinte anos, como nossas vidas serão?

— Estaremos falando sobre hemorroidas e trocando dicas sobre como manter nossas

dentaduras limpas.

— Faça a conta, tonta. Teremos a idade da mamãe.

— A mamãe usa sapatos ortopédicos.

Julia resmungou. Estava certa, mas elas eram legais demais para envelhecer assim.

Pimenta disse:

— Você vai se casar com um cara incrível, que ama você, e eu vou me divorciar de um idiota que me abandonou quando sua carreira na música decolou.

Julia sorriu, porque Pimenta podia estar certa. — A peste vai se casar com algum nerd da informática que lambe o chão que ela pisa e que tem pelo menos meio milhão de dólares no banco.

— Ela provavelmente vai trai-lo com o merda do meu ex.

— Você poderia ser a idiota que abandona o marido quando a sua carreira na música decola.

— Talvez — disse Pimenta, mas não parecia convencida.

— Olha — Julia olhou ao redor para ter certeza de que ninguém a ouvia. — A respeito da coca...

— Eu sei.

Ela não sabia. Julia tinha visto acontecer — primeiro a um amigo no ensino médio, depois, a um estudante do primeiro ano que saiu da faculdade e acabou numa clínica. — Pode deixar de ser divertido e se tornar um problema bem rápido.

— Não se preocupe, existe um abrigo ótimo para desabrigados na cidade.

— Lydia.

— É melhor eu ir. Eu disse a Sua Alteza que traria um chocolate quente.

— Mande um beijo meu.

Pimenta fez um som de beijo e desligou.

Julia deixou a mão no fone muito tempo depois de o telefonema ter terminado. Pimenta gostava de cocaína. Já havia usado duas vezes desde aquela festa fatídica. Gostava de remédios. Gostava de estar com a banda. Gostava de ficar louca e flutuar para longe, e gostava especialmente de fazer isso quando havia um cara bonito por perto.

Mas não seria um problema. Julia cuidaria disso. Sua irmã era um espírito livre. Estava passando por uma fase, como quando Julia se recusava a vestir qualquer coisa que fosse laranja, ou quando a Peste comia só doces.

Julia fechou os olhos e deixou a visão lhe ocorrer: sentada na varanda dos fundos da casa de Boulevard, Pimenta e Docinho jogando baralho nos degraus, os pais nas cadeiras de balanço, crianças correndo no quintal. As filhas deles — Pimenta, Julia, até a Peste, que teria um filho perfeito que acabaria encontrando a cura do câncer logo depois de recusar um terceiro mandato como presidente dos Estados Unidos.

Julia queria que seus filhos fossem próximos dos filhos de suas irmãs. Queria que eles sentissem a mesma ligação que ela sentia com sua família. A mesma segurança. O mesmo amor. Nada de ruim acontecia com pessoas ligadas a suas famílias. Talvez, esse tivesse

sido o problema de Beatrice Oliver. A primeira notícia dava conta de que a garota desaparecida era filha única. Não teria sido diferente se ela tivesse irmãs? Uma irmã não teria ido com Beatrice comprar o sorvete, conversando sobre o que havia acontecido na escola aquele dia? Uma irmã mais nova não teria chorado para poder ir junto?

Julia só conseguia imaginar as noites insones da mãe de Beatrice, enquanto pensava nos "e se". Se ao menos eu tivesse ido à loja no lugar dela. Se eu a tivesse levado. Se nós tivéssemos tido mais filhos para que a perda de um fosse atenuada pela presença dos outros...

Mas esse tipo de perda podia ser atenuada? Julia não conseguia imaginar como era perder um filho. A perda de um animal de estimação amado, mesmo um coelho ou um furão, arrasou sua família toda (incluindo a mãe). Eles choravam na frente da TV, à mesa de jantar, choravam abraçados aos cães e gatos que ainda tinham e às várias criaturas que os cercavam num abraço peludo.

Ninguém choraria a perda de Mona Sem Nome. Ninguém além de Julia, cuja imaginação não pararia de correr solta. Mona estava sendo mantida em cativeiro, como Beatrice Oliver? Ou talvez a situação de Mona fosse mais parecida com a de Jenny Loudermilk, que decidira, depois de ser atacada, que era mais fácil simplesmente desaparecer?

Independentemente do que tivesse acontecido, uma parte de uma garota não desaparecia automaticamente quando algo ruim assim acontecida? Um estuprador não levava embora a garota — a mulher — que ela era e a substituía por alguém que sentia medo o resto da vida? Ainda que Beatrice Oliver fosse liberta (mesmo que ainda estivesse viva), como poderia voltar para casa depois de ter sido estuprada? Como conseguiria olhar nos olhos do pai? Como não se retrair pelo resto da vida sempre que um homem, mesmo que bom, olhasse para ela?

Julia secou o rosto com as pontas dos dedos. Talvez Greg Gianakos estivesse certo a respeito de deixar as emoções interferirem numa história.

Ela encontrou a bicicleta ainda acorrentada à grade. Mas não conseguia enfiar a droga da chave no cadeado enferrujado. Julia enfiou as mãos nos bolso e caminhou de volta para o seu quarto. O pessoal da manutenção estava cuidando de uma parte do gramado que tinha sido destruída por um grupo de jogadores de rugby. Julia manteve distância dos homens, prendendo a respiração, enquanto o cheiro de fertilizante entrava em suas narinas. Tentou imaginar o resto da noite. Deveria levar um saco de dormir para a biblioteca. Tinha que estudar para a prova de psicologia. Precisava refazer seu trabalho de Spenser. Precisava encontrar mais estatísticas para sua matéria. Sua matéria de capa. Deus, onde ela tinha se enfiado? Um rascunho até sexta? Com sorte, conseguiria um esboço até lá.

— Você vai voltar? — perguntou Nancy. Ela havia aparecido do nada. Riu quando viu Julia se sobressaltar. — Sou só eu, tonta.

— Vamos sair esta noite. — Preocupar-se com tudo amanhã parecia uma ideia muito boa. — Fiquei sabendo que Michael Stipe vai estar no Manhattan.

Nancy estreitou os olhos.

— Soube que ele deveria estar no Grit. Ou seria no Georgia Bar?

— Ainda assim, podemos nos divertir. Talvez possamos encontrar uns caras bonitos. Fazer com que eles nos comprem bebidas.

Nancy levou a mão ao quadril.

— Pensei que você já tivesse um cara bonito.

Julia sorriu e corou, e sentiu-se aliviada, porque percebeu que a tensão entre elas havia passado. — Vamos reunir um grupo. Vai ser divertido.

— Não sei. Preciso estudar.

— Vamos para a biblioteca, depois vamos pegar alguma coisa para comer e vamos encontrar todo mundo às nove e meia da noite. — O horário não era totalmente aleatório. Robin prometera que ligaria para o pager dela às dez. Três números dois indicariam que ele não podia sair, e, nesse caso, seria bom estar num bar barulhento onde ela pudesse beber e dançar até a decepção passar.

E se ele enviasse três números um, então ela estaria mais perto da casa dos pais dele, que ainda estaria vazia, e ficaria vazia pelo resto da noite.

— O que você diz? — perguntou Julia, porque a maioria de seus amigos eram amigos de Nancy, na verdade. — Parece divertido, não?

Nancy sorriu.

— Parece ótimo.

21h46 – Manhattan Café, centro de Athens, Georgia

JULIA ADORAVA DANÇAR, PRINCIPALMENTE porque era péssima nisso. As pessoas paravam para observar. Olhavam para ela não por ela ser atraente, mas porque fazia papel de boba.

Como seu pai dizia a respeito de quase todos os seus ex-namorados, era difícil não gostar de uma boba.

— Você assistiu a Top Gun? — Nancy indicou com a cabeça um cara parecido com Tom Cruise no bar. Julia estreitou os olhos para ver através da camada forte de fumaça. Ele usava uma jaqueta e óculos de sol, apesar de estar calor e ele estar dentro de um bar.

— Sexy — disse Julia, tentando manter o ritmo da melhor maneira. Sua dança nunca ficava boa quando ela tentava conversar. A pista estava lotada. As pessoas trombavam com ela, ou talvez ela trombasse nelas. Depois de levar cotoveladas nas costelas, ela finalmente desistiu e acenou para que Nancy a seguisse até o banheiro.

A fila estava cheia de estudantes, a maioria deles menor de idade. Julia reconheceu a menina abusada daquela manhã que havia pegado a bolsa de couro de Nancy e insultado as meias de Julia. Alabama claramente estava desorientada. Balançava de um lado a outro, controlando-se um pouco antes de cair de cara. Ninguém a estava ajudando. Talvez ela tivesse insultado as meias das pessoas também.

— Jesus — disse Nancy. — Tenha dignidade.

— Você a conhece?

— Deanie Crowder. — Nancy revirou os olhos de um modo que indicava que ela preferia não conhecer.

—Espero que ela tenha alguém para levá-la para casa. — Julia sentiu a voz estridente começar a diminuir no fundo da garganta. Jenny Loudermilk havia ido para casa sozinha e veja só o que tinha acontecido com ela.

— Por que não para de olhar no relógio?

— Não tem motivo. É que parece mais tarde do que é, de fato. — Ela colocou o pager para vibrar, mas ainda assim, ela o conferiu.

— Quem vai ligar?

— Desculpa. Minha irmã menor teve um problema hoje.

— A menina de ouro?

— Ela não é tão ruim. — Julia prendeu o pager dentro do bolso. Deveria ter ligado para Docinho para ter notícias. E deveria ter sido mais firme com Pimenta a respeito de drogas.

Ela era a irmã mais velha. Era seu trabalho cuidar delas. Encontraria tempo para as duas no fim de semana. Talvez levasse Docinho à loja para comprar um álbum. Ela não era tão ruim quando estava sozinha.

— Anda! — alguém gritou do fim da fila.

Elas se aproximaram do banheiro. Julia viu seu reflexo no espelho de corpo inteiro. Estava usando uma das camisetas de Robin. Ele a havia pegado do cesto de roupas para ela. Levou a mão ao pescoço e encontrou o medalhão de Pimenta. As pulseiras pretas e prateadas desceram por seu braço. Devolveria o medalhão no fim de semana. E as pulseiras. E o chapéu de palha, porque era mesmo de Pimenta.

— Você está ótima — disse Nancy. — Não, espera, está liiiinda.

Julia riu. Ela estava imitando o cara brincalhão do restaurante mexicano que paquerava todas as garotas que entravam no estabelecimento.

Nancy perguntou:

— E eu?

— Você está liiiiinda também. — Nancy estava mesmo muito bonita. Optara por um look meio Cyndi Lauper, em comparação ao de Madonna, de Julia. Seus cabelos negros estavam arrepiados. Usava um bolero multicolorido com borda dourada. A saia preta de anágua descia até quase os joelhos. As botas de couro com tachinhas acabavam com seus pés, mas o look valia a pena.

— Rímel? — perguntou Nancy.

— Não. Eu?

— Felomenal — disse, brincando com a palavra.

A fila finalmente andou, e Julia foi à primeira cabine. Sentiu seu pager vibrar quando começou a desabotoar a calça jeans. Não olhou para o número na hora. Sentou-se na privada. Olhou para o teto. Olhou para os pôsteres presos na parede de trás. Olhou para o pager, finalmente. Apertou o botão para descer o número.

222.

Seu coração se despedaçou em um milhão de pedaços.

222.

Julia olhou para a frente, tentando impedir que as lágrimas caíssem. Fungou. Contou até cem lentamente. Olhou para baixo de novo, pois talvez estivesse errada.

222.

Robin não conseguiria escapar dos pais.

Ou talvez ele pudesse, mas não quisesse. Talvez Julia tivesse sido péssima à tarde. Talvez fosse chata. Talvez Robin soubesse que ela não tinha tido um orgasmo, ou tivesse sido barulhenta demais ou ofegante demais ou soado boba demais ou...

— Deus! — alguém resmungou.

Julia ouviu o som característico de vômito caindo na água da privada. Devia ser Alabama, também conhecida como Deanie Crowder. O som de seu vômito parecia o de um pato sendo sugado pra dentro de uma tuba.

Nancy estava enjoada. Sempre se contagiava com vômito, desde uma fatídica festa no jardim de infância. Julia ouviu as botas de salto alto batendo contra o concreto ao sair correndo do banheiro.

Em vez de ir atrás dela, Julia recostou na pia. Ela segurou o pager na mão, rezando para que vibrasse de novo, de que apertasse o botão e visse 111 — Sim, eu posso ir, por favor, encontre-me na casa dos meus pais, porque eu te amo.

Robin não havia dito que a amava. Ela era uma boba por ter sido com ele daquele jeito se ele nem sequer havia contado a ela que, acima de qualquer pessoa, era Julia quem tinha seu coração?

Alguém bateu na porta do banheiro.

— Tem gente querendo mijar aqui!

Julia deu descarga. Ficou de pé. Abriu a porta. Lavou as mãos. Voltou ao bar e ficou perto o suficiente do Top Gun, para que ele entendesse a mensagem.

— Posso comprar uma bebida para você? — De perto, ele estava mais para o personagem de Anthony Edwards que para Tom Cruise, mas Julia já não se importava com essas coisas.

Ela sorriu de modo doce.

— Adoro o Moscow Mule. — Não adorava, não, mas a bebida com vodca, refrigerante de gengibre e limão custava 4,50 e era um jeito mais eficiente de se embebedar do que com as cervejas baratas, quando tinham que pagar pelas próprias bebidas.

— Adoro seu jeito de dançar. — Top Gun disse a ela.

Julia bebeu tudo. — Vamos.

Ele a seguiu até a pista, onde se mostrou um dançarino ainda pior do que Julia. Balançava de um lado a outro. Mantinha os cotovelos flexionados, os dedos estalando. Às vezes, ele olhava para baixo e para trás, como um homem que tomava cuidado para não pisar em cocô de cachorro.

Pelo menos, Julia se entregou, estendendo os braços, balançando o quadril quando o C+C Music Factory mandava todo mundo dançar agora. Top Gun diminuiu o ritmo quando começou a tocar Lisa Lisa. “Head to Toe.” Julia fechou os olhos e tentou não pensar em Robin. Não sabia se ele gostava de dançar. Talvez ele nem gostasse de Madonna. Talvez ele só tivesse dito aquilo para transar com ela. Ou talvez tivesse dito por amá-la de verdade. Por que ele falaria sobre ter um filho, trabalhando na padaria de seu pai, se não estivesse pensando no futuro?

Ou talvez estivesse pensando em seu futuro sem ela.

Julia não podia mais ficar perto daquelas pessoas. O aperto da pista de dança era demais. Ela passou pelas pessoas. Encontrou a bolsa presa no banco do bar onde a havia deixado. Procurou em meio à escova de dentes, escova de cabelos, seus pertences e a troca de roupa íntima que tinha levado para o caso de não voltar para seu alojamento naquela

noite. O brilho labial estava gelado contra seus lábios, porque ela estava suando e estava quente no bar. Um cara mais velho havia trazido um segundo Moscow Mule. O gelo tinha derretido. O líquido tinha passado de dourado a canela. Ela bebeu assim mesmo. A vodca chegou ao fundo de sua garganta como um martelo.

— Opa. — Nancy deu um tapa em suas costas até Julia parar de tossir. — Você está bem?

— Que horas são?

Nancy olhou no relógio de Julia.

— Exatamente 22h38.

Ela estava dançando havia menos de uma hora. Parecia uma eternidade.

— Quero voltar.

— Por que não espera até as 23h para irmos juntas?

— Não, minha cabeça está me matando. — Julia levou a mão à cabeça, que estava doendo.

Nancy disse:

— Foi você quem disse que não deveríamos sair sozinhas.

— Só se estiver bêbada, e eu não estou. — Na verdade, Julia se sentia meio zonza, mas provavelmente porque seu coração partido estava no fundo de seu estômago. — Obrigada por ter vindo hoje. Foi muito importante para mim. Sinto muito por Michael Stipe não ter aparecido.

— Não achei que ele fosse vir. — Nancy olhou para ela como se estivesse agindo de modo esquisito. Talvez estivesse. — Tem certeza de que está bem?

Julia disse:

— Amo você, cara. É uma boa amiga.

— Oun. — Nancy passou a mão nas costas dela de novo. — Também amo você, amiga. Julia tirou a bolsa das costas da cadeira. A pista ainda estava lotada de dançarinos e estudantes que se arrependeriam de estar ali quando o despertador tocasse de manhã. Ainda bem que Julia não tinha aula no dia seguinte. Iria para seu quarto na casa de Boulevard e ficaria choramingando de pijama, abraçada a todos os gatos e cachorros, assistindo a novelas o dia todo.

Abriu a porta pesada de metal. O ar da noite era a sensação mais agradável que Julia já tinha sentido. A cada passo, ela sentia os pulmões se abrirem como pétalas de uma flor. Sua cabeça rodava com todo o oxigênio fresco. Estendeu os braços ao descer pela calçada vazia, aproveitando a noite, aproveitando a claridade que ela trazia.

Como sua avó diria, Julia precisava se controlar.

Robin Clark era meigo, gentil, delicado e maravilhoso, e ela adorava estar com ele e talvez até estivesse apaixonada, mas ele não era o único motivo pelo qual o mundo dela girava.

Julia tinha dezenove anos. Escreveria sua primeira matéria de capa. Ela se formaria como uma das primeiras estudantes da sala em um dos melhores cursos de jornalismo do país. Tinha boa saúde. Tinha bons amigos. Tinha uma família amorosa. Em vez de ser

uma adolescente boba cujo coração batia ou não dependendo de como um garoto se sentia (ou pudesse se sentir) em relação a ela, ela precisava agir como uma adulta e analisar os fatos. Robin havia ligado para o pager dela para contar que não poderia ir. Se estivesse dispensando Julia, se a tivesse usado só para sexo, então ele não entraria no posto de segurança e não arriscaria ter a ira da família.

Certo?

Porque Julia sabia que o pai de Robin levava a história do acampamento muito a sério. Era um evento anual. Ele fechava a padaria na primeira semana de março todo ano. Levava a família toda para a mata para poder passar um tempo com eles. E Robin respeitava isso. Era um cara legal. Era como o pai de Julia, e o sr. Hannah, e David Conford, e seu avô Ernie. Não era como Greg, Lionel nem o professor Edwards, que provavelmente, naquele momento, estava contando a uma de suas alunas que adoraria conversar mais com ela a respeito do trabalho enquanto tomassem café e que ela sabia que ele morava perto do campus.

Coitada. Ela provavelmente era uma caloura. Jovem. Ingênua. Greg dissera que Jenny Loudermilk era do primeiro ano. Pelo menos, era até largar os estudos. Estava descendo a Broad Street e, num segundo, sua vida toda tinha mudado. Ela nunca mais seria aquela garota que andava livre sem qualquer preocupação.

Vinte e duas mulheres em Athens teriam suas vidas mudadas assim naquele ano. E no ano seguinte. E no outro. Sem falar daquelas que já tinham sofrido isso antes.

Era meio terrível que suas chances melhorassem sempre que outra mulher era estuprada. Atacada. Agredida. Ameaçada. Como o relógio da Times Square na contagem regressiva para a festa de Ano-Novo.

Beatrice Oliver: n.º 22.

Jenny Loudermilk: n.º 21.

Mona Sem Nome: n.º 20.

Quem seria a n.º 19? Alguma caloura bêbada? A garota que estava tomando café com o professor Edwards do outro lado da cidade? Deanie Crowder, que tinha vomitado no banheiro do bar? Nancy a levaria para casa. Alguém deveria levá-la para casa.

Julia tropeçou numa parte quebrada da calçada. De repente, sentiu-se muito zonza. O estômago embrulhou. A bebida. Talvez a vodca estivesse ruim. Ou o refrigerante de gengibre, apesar de ela não saber se podia estar de algum jeito que não fosse apenas sem gás. Não deixaria ninguém enjoado, mas ela se sentia enjoada. Apoiou-se na parede e sentiu um jato do líquido quente sair da boca.

Julia cobriu o rosto com as mãos. Havia algo errado. Tentou se situar. Seus pais estavam na casa de Harry Bissett, a poucos quarteirões. Eles não ficariam felizes ao vê-la daquele jeito, mas ficariam arrasados se descobrissem que ela precisou deles e não os chamou.

Entrou numa rua lateral. Os joelhos fraquejaram. Recostou-se numa lata de lixo fedorenta. Havia adesivos grudados nas laterais. Phish. Poison. Stryker. Ela tentou ler a placa da rua. Seus olhos sintetizaram as palavras em manchas brancas no verde.

Seus pais não podiam estar longe. Ela se afastou da lata de lixo. Tentou focar na calçada à sua frente. Cada passo era um esforço. Ela teve que recostar num Cadillac antigo para recuperar o fôlego. Olhou para barbatanas do tamanho de pranchas de surfe. Seu pai adorava os Beach Boys. Eles tinham comprado Still Cruisin' para dar a ele de Natal alguns anos antes. Ele ficou muito mais feliz do que quando ganhou um livro sobre estar velho.

— Você parece perdida.

Julia se virou.

Havia uma van preta estacionada na frente do Cadillac. A porta lateral estava aberta. Havia um homem nas sombras. Ela o conhecia. Já tinha visto seu rosto antes, talvez várias vezes antes. Hoje? No fim de semana? No centro da cidade? No campus? A informação estava muito próxima, mas ela não conseguia fazer a ligação.

— Desculpa — disse Julia, porque sempre se desculpava por tudo. Ele saiu da van.

Julia deu um passo para trás, mas a calçada havia se transformado em areia. Ele caminhou em direção a ela.

— Por favor — sussurrou ela. Suas irmãs. Seus pais. Robin. Nancy. Deanie. Beatrice Oliver. Jenny Loudermilk. Mona Sem Nome.

No fim, ele não cobriu sua boca nem encostou uma faca em seu pescoço. Só deu um soco em seu rosto.

Julia Carroll: n.º 19.

Observação da autora: Eu mudei um pouco a data do show do Phish (era primeiro de março), mas faz sentido que os caras ainda estivessem lá, certo? Os números citados, que foram extraídos do Uniform Crime Reporting Program (UCRP) do FBI, são de 1991, na verdade, o ano durante o qual esta história se passa. Em 2013, o termo “estupro forçoso” foi substituído por “estupro”, e a definição mudou para ser mais inclusiva (dados de estupro estatuário e incestos ainda não estão incluídos nesse número). O CDC estima que até 80% dos abusos sexuais não são denunciados. De acordo com os mais recentes dados de Registros de Crime, nos Estados Unidos, em 2013, uma mulher foi estuprada a cada 6,6 minutos.

Karin Slaughter é a autora número um de best-sellers internacionais, com mais de doze romances, incluindo as séries Will Trent e Grant County, e o best-seller Cop Town, do The New York Times. Há mais de 30 milhões de cópias de seus livros impressos no mundo.

Seu mais novo romance, Flores Partidas, será publicado em junho de 2016. www.karinslaughter.com

Publisher
Kaíke Nanne

Editora de aquisição
Renata Sturm

Editora executiva
Carolina Chagas

Coordenação de produção
Thalita Aragão Ramalho

Produção editorial
Marcela Isensee

Copidesque
Jaciara Lima

Revisão
Daniel Siqueira
Janilson Torres Junior

Diagramação
Abreu’s System

Capa
Maquinaria

Produção de ebook
Mariana Mello e Souza